

MEGA 5

JORNAL
DO AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

AEOH
Agrupamento
de Escolas
Oliveira do Hospital

ABRIL 2024

ANO LETIVO 2023/2024

Carnaval AEOH



Desporto Escolar



Fomos aos Açores



Editorial

A propósito das comemorações do 5º centenário do nascimento de Camões

Estamos no ano de «todas» as comemorações: os 50 anos do 25 de Abril, os 500 anos do nascimento de Luís de Camões e os 500 da morte de Vasco da Gama.

O AEOH tem desenvolvido, ao longo deste ano lectivo, uma série de actividades visando as comemorações dos 50 anos do «Abril, sempre», estando outras previstas até ao final do ano.

“Mas ora o que me dá que pensar”, como diria Maria a Telmo no «Frei Luís de Sousa», é a pouca relevância que as instituições governamentais estão a dar às comemorações dos 500 anos do nascimento de Camões, o príncipe dos poetas portugueses. Será caso para dizer, tal como Telmo profere de forma

crítica na obra citada, “Ruim terra te comerá cedo, corpo da maior alma que deitou Portugal!” Ainda não existe um programa oficial de comemorações, que, a concretizar-se, decorrerá entre o dia 10 de junho de 2024 e o 10 de junho do próximo ano.

O pouco entusiasmo que Camões tem suscitado na actualidade junto da elite do poder deve-se fundamentalmente à sua faceta crítica relativamente aos poderosos. Hoje, a política deixou de ser uma actividade nobre e passou a ser uma actividade de interesses. Se Camões regressasse ao mundo dos vivos, voltaria a escrever «Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse /A quem ao bem comum e do seu Rei /Antepuser seu próprio interesse

(...). Nenhum ambicioso que quisesse/ Subir a grandes cargos, cantarei, /Só por poder com torpes exercícios /Usar mais largamente de seus vícios” (estância 84 do Canto VII de «Os Lusíadas»). Ou ainda: “Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho/Destemperada e a voz enrouquecida, /E não do canto, mas de ver que venho/Cantar a gente surda e endurecida./O favor com que mais se acende o engenho/Não no dá a pátria, não, que está metida/No gosto da cobiça e na rudeza/Duma austera, apagada e vil tristeza” (estância 145 do Canto X). É tão inquietante e perturbador a actualidade destes versos!

Basílio Torres, professor do AEOH

Reflexões/Opiniões

«Os Lusíadas» e as suas fontes: a descrição do templo indiano

No Canto VII de «Os Lusíadas», após a chegada da armada portuguesa a Calecute, Camões descreve um sumptuoso templo indiano, no qual os portugueses entraram quando iam a caminho dos paços do rei de Calecute. Dentro viam-se esculpidas, em madeira e em pedra, figuras estranhas de deidades que muito espantaram os portugueses, habituados a ver a representação antropomórfica de Deus. É interessante analisar o olhar do poeta relativamente a estas figuras. Como poeta renascentista e clássico, descreve-as tendo como ponto referencial tanto a mitologia clássica como a egípcia. Com efeito, para Camões, a figura com cornos esculpidos era tal qual Júpiter Amon, uma mistura da imagem do deus romano Júpiter com a do deus egípcio Amon. A cabeça com dois rostos assemelhava-se a Jano, deus romano com duas faces, uma voltada para o passado e a outra para o futuro. A figura com muitos braços parecia uma imitação de Briareu, gigante de cem braços (mitologia grega). Por fim, a figura com cabeça de cão recordava Anúbis de Mênfis, deus egípcio dos mortos, representado por uma figura humana com cabeça de chacal (cf. VII, 46-49).

Na descrição deste templo, Camões diverge subs-

tancialmente das suas fontes. Na verdade, o seu olhar de poeta renascentista entra em ruptura com o olhar eurocêntrico dos nossos três autores (Álvaro Velho, João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda). Mesmo estes apresentam olhares diferentes. Álvaro Velho, participante dos acontecimentos, ignorando ainda a cultura de um novo mundo que se desvendava e para quem apenas existiam duas religiões (a cristã e a muçulmana), descreve o templo hindu como se de uma igreja cristã se tratasse: as imagens dos santos, a oração de Vasco da Gama e dos restantes mareantes, os «clérigos de evangelhos», a estola, o ritual religioso, o barro. O exotismo das imagens não lhe desperta qualquer perplexidade, assim como aos seus companheiros.

Por seu lado, João de Barros e Castanheda, distanciados algumas décadas dos acontecimentos, apresentam-nos um olhar diferente: Castanheda fala-nos de «hu pagode dos seus ídolos» e João de Barros, de «um grande templo do gentio da terra». Isto significa que ambos conheciam a existência de uma outra religião com os seus edifícios religiosos próprios. Porém, descrevem a atitude dos portugueses de formas diferentes. Enquanto João de Barros

se aproxima da versão de Álvaro Velho, pois considera que os lusos acreditavam estarem num templo cristão e, por conseguinte, comportavam-se como tal, já Castanheda salienta a dúvida dos portugueses de ser aquele templo uma igreja cristã por causa da fealdade e do exotismo das imagens, parecidas com o diabo. Neste aspecto aproxima-se da versão de Camões: a analogia com o diabo («A segundo o Demónio lhe fingia» - VII, 47, v. 4), a fealdade («as abomináveis esculturas» - VII, 47, v. 5), a estranheza («Os cristãos olhos, a ver Deus usados/Em forma humana, estão maravilhados» - VII, 47, vv. 7 e 8).

Outro ponto comum entre Camões e Castanheda é a referência à adoração feita pelos indianos: «Aqui, feita do bárbaro Gentio/A supersticiosa adoração» (VII, 49, vv. 1 e 2); «E ho Catual & os seus como forão diãte da capela deitarãse no chão de bruços com as mãos por diãte, & isto três vezes, & depois leuãtarãse & fizerão oração e pé».

(Excerto dum trabalho académico para o Seminário de História II – Mestrado de Estudos Portugueses Interdisciplinares - 2005)

Basílio Lima Ribeiro Torres

Brincar ao ar livre



Muito há a dizer sobre o Brincar. Atualmente existe muita literatura sobre este tema, como antes nunca visto. Os especialistas neste assunto e muitos profissionais que trabalham com crianças mostram-se preocupados com a escassez de tempo e de oportunidades para as crianças brincarem.

Brincar é um direito que está contemplado no



art.º 31 da Convenção Universal dos Direitos das Crianças.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) pode-se ler que “brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender.” (2016, p-10)

Contudo, há que distinguir o brincar como ação



que permite a criança estar entretida, do brincar como uma atividade muito enriquecedora e estimulante que potencia o desenvolvimento, a aprendizagem, e que se caracteriza pelo elevado nível de envolvimento da criança.

É este brincar que deve ser promovido no Jardim de Infância, mas, para que aquele envolvimento ocorra, o educador deve criar/organizar

um ambiente educativo com materiais diversificados que estimulem a curiosidade e os interesses da criança.

Essa organização também deve contemplar o espaço exterior, como prolongamento do espaço interior, porque ele é um espaço enriquecedor, onde as aprendizagens surgem naturalmente e são mais duradouras, uma vez que a criança faz inúmeras experiências sensoriais que prevalecem na memória muito mais tempo. Lá fora surge o confronto com o risco e com situações inesperadas que exigem tomadas de decisões, há um convite ao saber lidar com a ansiedade e com o medo, há um mundo natural para potenciar a curiosidade inata da criança, a imaginação, a criatividade, a colaboração com os pares, a consciência ambiental, de entre tantas outras vantagens que se poderiam enumerar.

Brincar ao ar livre, com materiais não estruturados, seja no espaço exterior do Jardim de Infância, seja na floresta, na natureza, facilita a construção de novos conhecimentos, através de descobertas e de experiências de aprendizagem relacionadas com os diferentes domínios/subdomínios das áreas de conteúdo das OCEPE, realçando-se o jogo simbólico com a criação de situações imaginárias e a utilização de objetos e de elementos da natureza, aos quais a criança atribui múltiplos significados. O espaço exterior e o interior interligam-se, devendo existir uma continuidade entre as experiências de aprendizagem que ocorrem em cada um deles. Por exemplo, fotografias de experiências de aprendizagem, ocorridas no exterior, poderão servir de base para momentos de conversa sobre essas experiências, sobre o que documentam; o material pode circular

de dentro para fora, assim como de fora para dentro; uma descoberta ou uma questão pode ser a base para um projeto de investigação. Um exemplo: um dia, durante o inverno, uma criança procurava bichos e, como não os encontrava, disse admirada “Não há bichos!?”. Levada a questão para o grande grupo, uma criança respondeu “porque estão a hibernar”. E o que é hibernar? Como as outras crianças não sabiam a resposta, surgiu o projeto de investigação sob o tema “Animais que Hibernam”. Relembrando o professor Carlos Neto, em algumas ações de formação em que tive o prazer de o ouvir, as crianças “quando têm uma vivência nos espaços exteriores mais ativa, com maior estimulação das suas competências motoras, têm mais capacidade de concentração dentro da sala de aula”

Filomena Garcia
Educadora de Infância

A República da Catalunha – uma história alternativa

A independência da Catalunha foi decretada no dia 8 de outubro de 2030, após um plebiscito que contou com a participação de mais de 90% dos eleitores catalães e que obteve uma maioria de 87% a favor da separação da Espanha. O governo espanhol, que não reconheceu a legitimidade do referendo, tentou impedir a sua realização através de medidas judiciais, policiais e militares, mas não conseguiu evitar a mobilização massiva de milhões de catalães, que, ao irem às urnas e expressarem o seu desejo de secessão, resistiram pacificamente às tentativas de repressão impostas pelo governo espanhol.

A declaração unilateral de independência foi seguida de uma forte reação internacional, que variou entre a condenação, o apoio e a neutralidade. Alguns países, como a França, a Alemanha, o Reino Unido e a Itália, expressaram a sua preocupação com a violação da ordem constitucional espanhola e deixaram claro que apoiavam todas as medidas tomadas pelo governo espanhol que visassem conter o que consideraram um desejo desmedido e irracional de desvinculação por parte do governo autonomista da Generalitat. Outros países, como o Canadá, a Dinamarca, a Noruega, a Irlanda e a Letónia, reconheceram a legitimidade da vontade popular catalã e ofereceram o seu reconhecimento diplomático e ajuda humanitária. A União Europeia, por sua vez, manteve-se dividida e ambígua, sem tomar uma posição clara sobre o assunto.

Apesar das adversidades, a Catalunha conseguiu superar os obstáculos e alcançar alguns êxitos e avanços notáveis na consolidação de um estado independente e soberano.

Em 2031, realizou as suas primeiras eleições parlamentares e presidenciais, que deram origem a um governo de coligação entre as forças políticas favoráveis à independência, que conquistaram uma vasta maioria. Em 2032, adotou uma nova constituição, que definiu a Catalunha como uma república parlamentar, democrática e laica, que reconhece e protege os direitos humanos, as liberdades individuais, a igualdade de género, a justiça social e a sustentabilidade ambiental. Em 2033, a República da Catalunha assinou, juntamente com o Reino de Espanha, o Tratado de Lisboa, que visou oficializar o reconhecimento espanhol da independência da Catalunha, colmatar as hostilidades e normalizar as relações entre os dois países (atualmente, são formalmente diplomáticos, mas frios e distantes na política interna-

cional (devido à dificuldade da Espanha em superar a independência catalã e a consequente perda dos apanágios económicos significativos que a próspera comunidade autónoma fornecia). Em 2035, ingressou na Organização das Nações Unidas, após obter o apoio de mais de 100 países membros e de superar o veto de Espanha e de alguns dos seus aliados. Em 2036, iniciou o processo de adesão à União Europeia, que se mostrou favorável à integração da Catalunha, após verificar o cumprimento dos critérios de Copenhaga e a convergência dos seus ideais e objetivos.

Em 2038, a República Catalã assinala o seu oitavo ano enquanto nação soberana. Após estes oito anos desafiadores, é possível traçar um balanço positivo relativamente ao seu percurso egrégio e, consequentemente, ao seu futuro promissor.

A sua população, de cerca de 8 milhões de habitantes, é uma das mais felizes, prósperas e instruídas da Europa, segundo várias fontes e indicadores internacionais. Graças a tamanha estabilidade social, a Catalunha tem recebido diversos imigrantes que veem, no mais recente país independente do mundo, a possibilidade de estabelecerem uma vida digna e florescente.

Após o processo de independência, a Catalunha enfrentou desafios económicos. No entanto, a sua economia robusta, assente nas exportações, indústria, investigação científica e turismo, permitiu-lhe superar estas dificuldades. A Catalunha investiu fortemente no empreendedorismo e na inovação, promovendo, assim, um ambiente propício ao crescimento de start-ups. Este investimento atraiu capital estrangeiro, impulsionando o crescimento económico e a projeção internacional do país. Apesar de um natural início desditoso, a economia catalã começou a estabilizar por volta de 2035, demonstrando resiliência e adaptabilidade.

No campo da educação, a Catalunha fez grandes esforços para preservar e promover a sua língua e cultura únicas. O catalão tomou-se a língua de instrução nas escolas e o currículo foi revisto para refletir a história e a identidade catalãs. A escolaridade é obrigatória e gratuita, pelo que o governo investiu numa educação inclusiva e equitativa, que engloba todas as pessoas, independentemente da sua classe social. Com isto, pretende-se criar cidadãos ativos, conscientes e contribuintes para a sociedade catalã. Desde que se tornou o mais novo país do mundo,

a Catalunha tem feito progressos na saúde pública, investindo pesadamente em infraestruturas de saúde, políticas de bem-estar e pesquisa e desenvolvimento, em áreas como biotecnologia e oncologia. No entanto, a região também enfrentou desafios para atrair e reter profissionais de saúde, devido à instabilidade política e económica que marcou o processo de independência. Para superar esses obstáculos, o governo catalão tem procurado estabelecer acordos com a União Europeia, procurando assegurar a estabilidade jurídica e a segurança dos profissionais de saúde que trabalham na Catalunha. Ademais, o governo tem reconhecido e valorizado o papel dos profissionais de saúde na sociedade catalã, oferecendo-lhes condições de trabalho dignas e oportunidades de desenvolvimento profissional.

A sua cultura, criativa, vibrante e cosmopolita, é uma fonte de orgulho e manifesta-se eximamente nas suas artes, na sua literatura, na sua música e nas suas tradições. Afinal, não poderíamos esperar menos da região que foi berço de incontáveis personalidades mundiais, como Joan Miró, Antoni Gaudí ou Salvador Dalí.

O turismo, importante fonte de receita para a Catalunha, sofreu inicialmente devido à incerteza política. Mas recuperou à medida que a situação se estabilizou. Ano após ano, milhões de visitantes dirigem-se à extremidade leste da Península Ibérica, atraídos pela beleza natural, pelo património histórico e cultural, pela gastronomia e pela hospitalidade deste charmoso país. A Catalunha oferece uma variedade de destinos, desde as praias da Costa Brava, às montanhas dos Pirenéus, passando pela cosmopolita Barcelona, que encanta pela majestosa Igreja da Sagrada Família e outras obras de Gaudí, e terminando em Tarragona, cidade que preserva grandes vestígios da época romana.

A Catalunha não é um país perfeito, nem está isento de problemas e desafios, visto que é um estado em construção e constante evolução. A independência da Catalunha foi, sem sombra de dúvidas, um marco histórico, que transformou para sempre o rumo e a realidade de um povo que, nunca se sentindo verdadeiramente espanhol ou integrado na identidade hispânica, ansiava por ser livre e por escolher o seu próprio futuro.

A ESCOLA NA ERA DIGITAL



Estamos em plena “Era da Informação e Tecnologia”. O mundo está a atravessar várias transformações e somos surpreendidos por um mar de informações

que nos chegam de forma tão rápida e inesperada, da mesma forma que se tornam obsoletas.

As tecnologias digitais evoluem a uma velocidade consideravelmente rápida e trazem mudanças na relação de trabalho, na forma de aprender, no relacionamento das pessoas e exercem influências sobre a economia e a política. Cada vez mais é necessária a presença de mecanismos interativos que auxiliem nas tomadas de decisões.

No entanto, não são as tecnologias que estão a mudar as nossas vidas, mas a enorme e diversificada utilização delas. Portanto, trabalhar com educação, na chamada “Era da Informação e Tecnologia”, significa inserir e utilizar cada vez mais, como ferramenta pedagógica, as novas tecnologias de informação e comunicação.

A utilização do mundo digital, como ferramenta didático-pedagógica para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, possibilita múltiplas formas de tratar o conhecimento e criar ambientes mais dinâmicos de aprendizagem.

A inclusão digital invade as escolas, exigindo dos agentes educacionais uma posição quanto ao quê e como fazer, para dispor os múltiplos recursos da tecnologia digital ao serviço da educação. Consideramos fundamental que as escolas abram espaço para o uso das tecnologias digitais e os professores

se apropriem delas, de forma segura, e as utilizem como importantes ferramentas didáticas para a transmissão do conhecimento.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva deverá ser a ética nas diversas metodologias educativas.

Nesta perspectiva, o uso do computador e das tecnologias digitais, são utilizados como mais uma ferramenta educativa no Centro Escolar de Nogueira do Cravo. Os professores que orientam as turmas dos segundo e terceiro anos optaram por escolher um dia na semana, em que os seus alunos utilizam os computadores e ferramentas digitais. O uso do papel dos manuais é substituído por suportes digitais. Podemos constatar que as crianças revelam outra empatia perante as aprendizagens que lhes são propostas. É o mundo onde nasceram, não podemos contrariá-lo!

Assim, o uso de tecnologias digitais em sala de aula é um direito do aluno e do professor, proporcionando a promoção de um processo de ensino-aprendizagem mais qualitativo e significativo, tanto para os docentes como discentes.

Centro Escolar de Nogueira do Cravo - Isabel Fonseca

Comemorações do 5º Centenário do Nascimento de Luís de Camões

Uma resolução do Conselho de Ministros de 2021 instituiu uma comissão para as comemorações dos 500 anos do nascimento de Camões, “expoente maior da literatura portuguesa” e um “símbolo da vocação universalista da língua e da cultura [portuguesas]”: “Os 500 anos do nascimento de Camões são uma oportunidade única para pensar o legado de um poeta omnipresente, tanto na literatura como na identidade portuguesas, um dos maiores vultos da literatura universal, cujo génio é reconhecido como fundador de uma ideia de universalidade que hoje nos surge como revolucionária na escrita, na vocação e no pensamento”, lê-se na resolução.

No dia 9 de janeiro deste ano, foi publicado no Diário da República o Despacho que visava a criação do Comissariado Consultivo para as Comemorações do 5º Centenário do Nascimento de Luís de Camões, assinado pelo Ministro Pedro Adão e Silva e pelo Secretário de Estado Francisco André. O programa de comemorações irá incidir num período de 10 de junho de 2024 até 10 de junho do ano seguinte. Ao longo deste ano irão surgir diversas iniciativas no âmbito das comemorações desta efeméride. Destaco o Arquivo Nacional Torre do Tombo, promotora de uma amostra documental (entre 4 de março e 12 de julho de 2024), da qual sobressai o “Fidelíssimo”, provavelmente, o retrato mais fiel do poeta; o volume manuscrito de «Os Lusíadas»; o nobiliário “Severim

e Farias: notícias de sua descendência e das famílias com que se aparentam”, de Manuel Severim de Faria, onde consta também a genealogia relativa a Camões; e outros documentos iconográficos camonianos.

Está desvendado um mistério nacional?

O cosmos existencial de Camões está repleto de mitos, que preenchem os espaços negros da sua cronologia, já que existe pouca documentação fidedigna. No entanto, há quem procure na sua obra lírica e épica sinais/indícios que nos permitam encontrar referências autobiográficas. Um destes achados está relacionado com uma tese apresentada, no passado mês de janeiro, por investigadores da Universidade de Coimbra, segundo a qual Camões terá nascido no dia 23 de janeiro de 1524. A conclusão desta tese fundamenta-se na análise do poema “O dia em que eu nasci, moura [morra] e pereça” e no facto de na data referida ter ocorrido um eclipse solar visível em Portugal:

O dia em que eu nasci, moura e pereça
Não o queira jamais o tempo dar,
não torne mais ao mundo e, se tornar,
eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,
mostre o mundo sinais de se acabar,
nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
a mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
as lágrimas no rosto, a cor perdida,
cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
que este dia deitou ao mundo a vida
mais desgraçada que jamais se viu.

Os investigadores desta tese concluem como “muito provável que o terceiro verso [estrofe] do poema ‘O dia em que eu nasci, moura e pereça’ – [as pessoas pasmadas de ignorantes, as lágrimas no rosto, a cor perdida, cuidem que o mundo já se destruiu] – seja uma alusão a certo eclipse solar visível em Portugal”.

Porém, tal como Frederico Lourenço afirma, “para essa teoria ter chão em que se possa apoiar, é preciso aceitar como autêntico um soneto cuja autoria camonianiana já foi posta em causa”. Por outras palavras, se for possível autenticar a autoria camonianiana do soneto, este é sonoramente eloquente quanto à data de nascimento de Luís de Camões (“que este dia [eclipse nesse passo o sol padeça] deitou ao mundo a vida/mais desgraçada que jamais se viu”), sendo factual o eclipse solar visível em Portugal no dia 23 de janeiro de 1524.

Basílio Lima Ribeiro Torres

Corrupção Desportiva

De acordo com a Infopédia, a corrupção define-se pela «prática de ato lícito, ilícito ou de omissão contrária à lei ou aos deveres de determinado cargo, por parte de alguém que, no cumprimento das suas funções, aceita receber uma vantagem indevida em troca da prestação de um serviço». Geralmente, esta prática está

associada à obtenção ilegal de benefícios ou de gratificações avultadas por altos funcionários do Estado. Contudo, sabemos que a corrupção não está associada exclusivamente à política. Basta analisarmos os casos polémicos de corrupção desportiva que assaltam a idoneidade e pureza da competição e que, com isso,

vêm ferindo a natureza e essência da verdade desportiva. A indústria do desporto tem vindo a crescer de forma estonteante, movimentando, hoje em dia, fluxos financeiros de larga soma. Com essa evolução surge a necessidade de manipular, alterar e falsear resultados, com o objetivo de tornar resultados incertos em vitó-

rias e, desse modo, ultrapassar facilmente os obstáculos que se fazem sentir em qualquer percurso desportivo para poder obter seguramente as vantagens que decorrem do sucesso na competição.

A corrupção no desporto destaca-se sobretudo nas modalidades de futebol, boxe, ciclismo, atletismo, basebol e nas corridas de cavalos. Vejamos alguns casos:

-No passado mês de outubro, o ministério público acusou um vice-presidente, de um clube no Grande Porto, e a respetiva companheira de desviarem cerca de 190 mil euros da instituição. Os dois indivíduos foram, segundo a Procuradoria-Geral Regional do Porto, acusados pela prática, em coautoria, dos crimes de peculato, falsificação e branqueamento. De acordo com o jornal A Bola, o casal ter-se-á apropriado, entre 2017 e 2020, de dinheiros resultantes de pagamentos em numerário ao clube e realizado levantamentos de quantias das contas do clube e de transferências bancárias.

-Em março de 2023, o Caso Negreira abalou o futebol espanhol e europeu. Em causa estão os 7.5 milhões de euros pagos pelo Barcelona a José Enrique Negreira, então vice-presidente do comité técnico de árbitros de Espanha. Negreira, dirigente de uma organização dita "imparcial" deixou-se corromper e não tratou de forma equitativa todas as equipas, favorecendo o Barcelona.

-Em 2022, o presidente e o secretário-geral da

Federação de Atletismo da Albânia foram suspensos por terem manipulado o resultado que classificou o atleta Izmir Smajlaj para os jogos Olímpicos de Tóquio. Izmir, em maio de 2021, alegadamente saltou, no salto em comprimento, 8.16 metros, o que valia como o novo recorde nacional albanês. Se a acusação for confirmada, o atleta pode nunca mais vir a competir pelo país.

-No ano passado, a Polícia Judiciária fez buscas no W52-FC Porto e deteve duas pessoas numa operação contra doping. Segundo o Diário de Notícias, durante a operação denominada "Prova Limpa" e "destinada à detenção de métodos proibidos e substâncias ilícitas suscetíveis de adulterar a verdade desportiva em provas do ciclismo profissional", foram "apreendidas diversas substâncias e instrumentos clínicos, usados no treino dos atletas e com impacto no seu rendimento desportivo." Os ciclistas em questão iniciavam as provas de ciclismo com vantagem, corrompendo e falsificando a sua prestação nas mesmas.

Depois de analisar estes casos, concordo que os vários países do mundo não podem estar de fora do combate a flagelos bem atuais e permanentes que colocam em causa a verdade desportiva. Se tolerarmos a corrupção no desporto, dificilmente seremos capazes de a combater noutras áreas da sociedade. A corrupção corrói as sociedades e, por isso, é punível por lei.

Mas como valorizar a verdade desportiva? Ou seja, como preservar a competição desportiva justa e leal? Bem, hoje é mais do que evidente que a atual moldura jurídica e que as atuais competências do Ministério Público (procuradores, investigadores, polícia) são incapazes de conseguir o que é absolutamente necessário que aconteça: que os criminosos sejam julgados e condenados. Assim, é necessário agir para que esse cenário se altere. Mas, devemos ainda investir muito mais no estudo sociológico, económico e histórico do fenómeno da corrupção, pois só a partir de um conhecimento desta realidade é possível desenhar as estratégias e as medidas para o prevenir e combater. Só assim deixaremos de ver a corrupção reinar.

Assim, é fulcral promover uma cultura de ética e integridade, investir em programas educacionais para atletas, financiadores e demais envolvidos no desporto, fortalecer os órgãos reguladores e de fiscalização do desporto, punir, de forma mais severa, todos aqueles que violam as regras e deve-se ainda desenvolver sistemas de apoio aos desportistas que escolhem manter a integridade e jogar de forma honesta. O combate à corrupção deve ser um desígnio prioritário, persistente e inelutável de todos nós. A corrupção é um dos principais fatores de erosão da verdade desportiva, por isso, juntos, teremos de a tentar derrubar!

Daniela Guimarães, 12.ºB

Elas gostam de flores, mas também gostam de respeito

"Porque é que não existe um dia internacional do homem? Porque é que ainda se continuam a fazer de vítimas? Porque é que querem tantas mordomias? Porque é que são tão radicais?" Perguntas como estas são, infelizmente, o prato do dia da maioria das mulheres. São disparatadas, inconscientes e proferidas por pessoas que, certamente, estão desligadas da realidade. O Dia Internacional da Mulher, por si só, é um mau sinal. Este não é um dia de flores. Se houve a necessidade de ser celebrado, isso significa que, nem sempre, as mulheres foram respeitadas, reconhecidas e celebradas. A verdade é que as desigualdades de género têm vindo a ser atenuadas, porém muito lentamente. É fácil ser mulher? Não! Mas, sabem que mais? Seria, se este fosse um mundo que admirasse e estivesse o próximo!

O Dia Internacional da Mulher, celebrado a 8 de março, é uma data para reconhecer e homenagear as conquistas, lutas e contribuições das mulheres para a sociedade. Este não surgiu de um único episódio, mas sim de diversos feitos das mulheres, sendo assim uma ocasião para

lembrar a importância da igualdade de género e dos direitos das mulheres, além de destacar a necessidade de combater o sexismo, a discriminação e a violência contra as mulheres mundialmente. A origem deste dia provém do final do século XIX e início do século XX, quando estas enfrentavam duras condições de trabalho e enormes desigualdades. Assim, em 1975, a Organização das Nações Unidas oficializou o Dia Internacional da Mulher, reconhecendo a importância da luta pela igualdade e alertando para as desigualdades persistentes em todo o mundo.

Ao longo da história, as mulheres têm enfrentado desafios, tendo que lutar pelos seus direitos, tanto na área política, social, económica e cultural. A conquista do voto feminino, o acesso à educação e ao mercado de trabalho e a reivindicação pela igualdade salarial são apenas algumas das conquistas deste percurso. No entanto, embora as mulheres tenham feito progressos significativos, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a igualdade de género, uma vez que ainda permanecem as diferenças salariais, a violência doméstica, a sub-represen-

tação das mulheres em cargos de liderança e a falta de acesso à educação e à saúde em algumas partes do mundo.

As mulheres têm sido protagonistas de importantes avanços e conquistas, contribuindo significativamente para o progresso da humanidade, portanto, neste dia especial, é importante reconhecer o papel fundamental que elas desempenham na sociedade, bem como valorizar as suas habilidades, talentos e capacidades. É fundamental promover a igualdade de oportunidades para as mulheres, garantindo que tenham acesso aos mesmos direitos e benefícios que os homens.

Deste modo, no Dia Internacional da Mulher, não ofereçam flores, se não conhecem o verdadeiro significado de feminismo; se diariamente não respeitam as mulheres; se a desigualdade de género não é algo sobre o qual refletem. Gostamos de flores, é verdade, mas gostamos ainda mais de respeito!

Daniela Guimarães, 12.ºB
Matilde Santos, 12.ºB
Mafalda Correia, 12.ºC

Imigração e globalização

No dia três de fevereiro deste ano, decorreu em Lisboa uma manifestação contra a islamização de Portugal e da Europa. Mais de 200 pessoas reuniram-se no Largo de Camões e foram pelas ruas da capital a cantar o hino nacional e a gritar "Portugal, Portugal".

Este tipo de manifestações começaram a ser cada vez mais comuns na Europa, recentemente, devido ao aumento do número de imigrantes provenientes do Norte de África e do Médio Oriente. Obviamente, muitas destas iniciativas têm fundamentos de extrema-direita (racistas,

xenófobas, fascistas, neonazis, provocadores de origem duvidosa, entre outros) com os quais não me identifico em nada. Mas terá esta manifestação, em certa medida, alguma justificação? As causas desta manifestação são um excelente exemplo das repercussões de uma sociedade cada vez mais globalizada, com menos barreiras, que provoca, assim, novos problemas e desafios, muitas vezes criando profundos problemas em determinado local. É importante afirmar que os muçulmanos, até hoje, nunca causaram problemas em Portugal. Aqui, a sua comunida-

de é muito pequena e moderada, não tendo as características que têm noutros países da Europa. Por isso, é fácil admitir que o fundamento desta manifestação é falacioso.

Desde há umas décadas para cá, têm chegado, anualmente, à Europa, milhões de pessoas de origem islâmica e, atualmente, cerca de 10% da população de países como a França, a Suécia e a Alemanha são muçulmanos. As projeções apontam que, em 2050, 20% da população da Alemanha, França, Áustria e Reino Unido pode ser muçulmana. E mais de um terço da Suécia

será dessa origem. Uma em cada três pessoas não tem sangue, religião e, principalmente, a tradição Sueca, havendo, inevitavelmente, uma diluição cultural. Para uns, isto não é um problema, longe disso. Para outros, como é o meu caso, é sem dúvida uma preocupação. Acredito firmemente que, para encontrar a chamada «eudaimonia» (conceito grego que significa viver uma vida boa e significativa, com prosperidade humana e realização do potencial individual), cada ser humano necessita de abraçar profundamente as tradições e a cultura do seu país. Não é uma questão de não gostar de certo tipo de pessoa de um determinado país ou região. Mas, da mesma forma que desejo prosperar no meu país e não quero que os nossos abandonem a pátria, não sou particularmente favorável a uma política liberal de imigração em massa que facilita a entrada descontrolada de imigrantes. Agora é a parte mais complicada: tentar explicar, de forma clara, porque não defendo que a Europa tenha um número de imigrantes muito elevado e porque não sou a favor de Portugal se transformar num país como a França. Começando por Portugal. Note-se que sofremos de imensos problemas em vários domínios. Isto é, o nosso país muitas das vezes falha

em proteger a própria população, por exemplo nas áreas da saúde, educação ou nos salários justos e adequadas condições laborais. Como é que nós, portugueses, iríamos conseguir oferecer boas condições, que muitas vezes não temos para nós próprios, a todos os imigrantes? E mais: tomando como certo que parte desta população não será devidamente integrada nas sociedades europeias, então haverá riscos dela ser fonte de problemas, como se vê em França e no Reino Unido. Afinal, como é que integramos permanentemente estes indivíduos numa sociedade tão diferente da deles? Não acredito que seja possível, ou, pelo menos, creio que não será nada viável. Indo mais ao fundo da questão: alguns portugueses poderão apresentar o seguinte argumento – “se alguém está contra a imigração dos muçulmanos, também estaria contra, por exemplo, a imigração dos brasileiros”. Certamente, só pode haver alguma base racista para favorecer certos seres humanos em relação a outros. Mas não é esta a minha perspetiva, pois não me considero racista. Acredito que a cultura brasileira está mais próxima da cultura portuguesa e europeia do que está a cultura islâmica. Grande parte dos brasileiros tem uma descendência portuguesa

ou europeia, fala uma língua de origem latina, tem uma formação cristã e partilha os costumes europeus. Por estes motivos consegue integrar-se melhor na nossa sociedade. Pelas razões atrás apresentadas, considero que a população do Brasil, como também a dos restantes países da CPLP, apresentam melhores condições para integrar a população nacional. Por isso, a sua entrada em Portugal deve ser facilitada. A meu ver, não tenho, por conseguinte, nenhum preconceito racista idêntico aos que convocaram a manifestação de 3 de fevereiro. A globalização tem (ou deveria ter) imensas vantagens para as mais variadas populações mundiais: a colaboração internacional, o crescimento económico, a redução de barreiras, etc.. Porém, não acho que a chamada “Cultura Global” seja um aspeto especialmente positivo. Interesso-me pela manutenção da identidade e tradição dos povos e nações e considero que vivemos todos melhor se acreditarmos em melhorar as condições dos nossos próprios países. A disseminação em demasia das culturas não é algo positivo, porque o interesse das coisas está na diferença entre elas.

Duarte Vieira, 12.º ano, Ciência Política

O CHEGA é um perigo para a democracia?

“Eu sou o mais democrático de todos” — disse o líder do partido CHEGA, André Ventura, no programa “Goucha”, da TVI, em 2021. Será esta afirmação fidedigna?

André Ventura é jurista, professor universitário, foi comentador de futebol (atividade que lhe deu mediatismo) e tornou-se um relevante político português. A sua carreira política começou em 2013, quando se filiou no PSD. Desde então foi-se radicalizando, proferindo discursos que evidenciaram a sua posição negativa e censória em relação à população cigana e afrodescendente. Em 9 de abril de 2019, fundou o partido político CHEGA. Este partido é considerado, por muitos jornalistas, comentadores e cientistas políticos, como populista e antissistema. Todavia, o líder fundador sempre negou que o seu partido fosse de extrema-direita e muito menos fascista. Embora esta afirmação possa tranquilizar muitos portugueses, pode ser, no entanto, enganadora.

As ideologias de extrema-direita incluem ideias ultraconservadoras, autoritárias, justicialistas, ultranacionalistas, anticomunistas, xenófobas, racistas, homofóbicas, patriarcais, entre outras. A origem do termo «extrema-direita» remonta sobretudo ao contexto histórico ocorrido entre a I e a II Guerras Mundiais, especialmente durante a ascensão dos fascismos e do nazismo na Europa, nas décadas de 1920 e 1930.

O CHEGA rapidamente ganhou visibilidade e apoio de uma parcela significativa da população, por possuir opiniões e defender medidas radicais, entre elas: a alteração da III Repúbli-

ca, e, por conseguinte, uma grande reforma ou mesmo a supressão da Constituição de 1976, pois alega que “Nada do que temos hoje, ou a grande parte do mundo que temos hoje não é o mundo da Constituição de 1976” (abertura das jornadas parlamentares do Chega dedicadas à revisão constitucional, em Setúbal, 2022), recorrendo a um discurso com bastante eufemismo, quando na realidade quer — ou pretende — elaborar uma Constituição que nada tem em comum com os ideais do 25 de Abril. Almejou adotar um regime presidencialista; optar por um regime mais liberal, que deverá conduzir a uma maior privatização da saúde e da educação; apertar o controlo de imigrantes, argumentando que isso é necessário para proteger os interesses dos cidadãos portugueses; denunciar o modo de vida de todos os cidadãos que “vivem dos subsídios”, alegando que só são “portugueses de bem” aqueles que trabalham e contribuem para os rendimentos do Estado e a produtividade nacional. Defende uma economia mais liberal; advoga políticas mais rigorosas em relação à criminalidade, que incluem penas mais duras para crimes violentos e medidas policiais mais firmes no combate ao tráfico de droga; denuncia o alegado “marxismo cultural” e a “ideologia de género”, desvalorizando, por exemplo, as vítimas de violência doméstica; é favorável a uma diminuição significativa dos impostos e, simultaneamente, a um aumento dos salários dos vários corpos de funcionários do Estado, propostas que foram classificadas como inviáveis por economistas

e juristas.

Ventura é conhecido por mentir na maioria dos seus discursos, como tem demonstrado o programa “Polígrafo” da SIC, e por negar hoje o que ontem defendeu. Isso não o preocupa, uma vez que ele sabe como persuadir os seus adeptos através de um discurso proferido sempre em nome do povo e longe do “politicamente correto”, ou seja, um discurso populista.

Concorreu ao cargo de primeiro-ministro de Portugal, sabendo que as democracias estão em perigo na Europa e em muitos países do mundo. Acredita que chegou a sua hora de subir ao poder. Apresenta, como aliados, líderes mundiais de partidos de extrema-direita. É o caso de Viktor Orbán, líder de um partido conservador húngaro chamado Fidesz. Este elaborou uma nova Constituição, censurou os media, limitou a ciência e a educação, purgando as universidades, e tem opiniões anti-imigração, uma vez que atuou para impedir a entrada de refugiados no seu país, durante a crise mais aguda de refugiados.

Ventura demonstra admiração por Viktor Orbán e por muitos outros líderes populistas: Jair Bolsonaro, Matteo Salvini, Marine Le Pen, Donald Trump, entre outros.

Quanto mais descontente a população portuguesa se sentir, mais apoiantes o CHEGA consegue. Será um voto no CHEGA consciente? Ou será que estaremos em risco de cometer os mesmos erros do passado? Será o CHEGA um risco para a nossa democracia?

Nádia Osório e Joana Matos, 12.º D, História

O(s) Valor(es) da Loucura

Muitas vezes, o adjetivo “louco” é usado com um tom pejorativo para caracterizar alguém fora de si ou cujos comportamentos diferem do “normal” expectável de um ser humano. A realidade, é que não deveria ser bem assim.

Já escrevia Fernando Pessoa, no poema D. Sebastião, Rei de Portugal, “Sem loucura que

é o homem/Mais que a besta sadia/ Cadáver adiado que procria?” transmitindo a ideia de que sem a loucura um homem é apenas um “vegetal”, alguém que vive por viver, só aguardando o dia da sua morte.

Para mim, a perspetiva de Pessoa é a mais acertada; é a loucura que nos dá vida, são o

risco e a ousadia, associados a esta insanidade, que fomentam as nossas ações contra os medos e inseguranças. É verdade que esta vontade inconsciente e até, por vezes, irresponsável que nos leva a cometer atos que causam arrependimento no futuro, mas é também ela que nos transmite a força motriz necessária

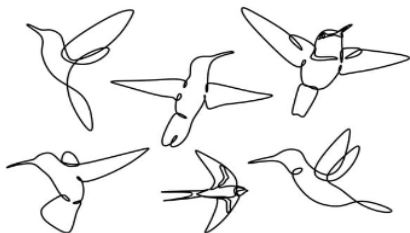
para mudarmos o nosso paradeiro. Já assim foi na época dos Descobrimentos, quando esta “demência” invadiu os corpos e mentes dos navegadores e os levou a cometer atos, à partida suicidas, mas tão revolucionários e honrosos para Portugal. Para além de coragem, a loucura é também um sinal de vida, uma forma de fugir dos padrões e fazer o que ninguém espera,

divergir-se do “standardizado”. Foi também na época medieval que houve muitos “doidos inovadores”, que surgiram com estratégias para guerras que, juntamente com a criatividade, os levaram a vencer batalhões mais poderosos. É esta fuga da normalidade que nos torna ou génios revolucionários ou, no pior dos casos, alvos de troça.

Finalizando a minha perspetiva acerca dos valores da loucura, gostaria de colocar no ar a questão: “do que valerá viver, senão loucamente?”. Ser igual a toda a gente e viver conforme os nossos medos é melhor que poder criar mudança? Eu acho que não!

Ricardo Neves, 12ºD

LIBERDADE



Nas aulas de PLNM (Português Língua Não Materna), após lermos um texto sobre o 25 de Abril e termos visto um pequeno vídeo de animação, sobre o mesmo tema, foi pedido aos alunos que definissem Liberdade. Estes escreveram na sua língua materna e usaram o google tradutor.

Maor Levy, 7º D

Para mim Liberdade é poder fazer o que queremos. É ter direitos e poder ter as nossas próprias decisões. Liberdade também é ser responsável pelas nossas ações.

Muhammad Qaiser, 9º E

Liberdade é poder fazer o que queremos, ser quem somos e expressar as nossas ideias sem medo. É ter direitos, é poder tomar as nossas próprias decisões. Liberdade é um valor que nos permite viver de forma justa e igual.

Or Aviv, 9º E

Eu acho que a liberdade é quando cada um pode escolher o que fazer e não está obrigado a fazer o que não quer.

Malacai zussman, 8º F

A liberdade, para mim, é praticar desportos, cozinhar, ter liberdade para fazer o que quiser,

comer a minha comida preferida, ver TV, desenhlar.

Liberdade é algo complexo, pois, quando a temos, somos Homens livres.

Mykhailo Honcharenko, 9º F

Liberdade, para mim, é a oportunidade de ser eu mesmo sem medo de julgamento, submissão ou coerção. Liberdade é a oportunidade de expressar os pensamentos, ideias e sentimentos de forma aberta e honesta. A liberdade dá-me o direito de escolher o meu próprio caminho e seguir os meus sonhos sem ser limitado pelas expectativas dos outros. A liberdade dá-nos espaço para o crescimento e permanente atualização.

Em última análise, a liberdade não é apenas a ausência de grilhões físicos, mas também a libertada da mente, quer de preconceitos, quer de restrições.

Olho por olho, e o mundo acabará cego: a injustiça de uma guerra

Hoje, recebemos constantemente notícias sobre as duas maiores guerras da década em que vivemos: os conflitos entre a Ucrânia e a Rússia e entre Israel e o Hamas. Decerto que vivenciar dois confrontos de tal magnitude não fazia parte das nossas previsões mais pessimistas, muito menos dos jovens que vivem no ocidente europeu, e, porventura, sempre pensaram que os conflitos armados dificilmente sairiam dos livros de História.

Após o início de cada um destes conflitos, as opiniões multiplicaram-se e a busca para encontrar um culpado tornou-se incessante. Diria que, no que diz respeito aos conflitos armados, a sociedade procura sempre analisá-los sob uma perspetiva maniqueísta, assumindo que há unicamente um culpado, quando, na verdade, ambos os lados podem ter errado. Ainda assim, será que as guerras podem ser justas, ou seja, pode alguma das fações ter motivos válidos para perpetuar uma agressão?

Ao longo dos séculos, esta questão foi objeto de estudo por parte de vários filósofos e, atualmente, designamos as doutrinas que defendem que uma guerra pode ser justa, se os motivos forem válidos, como Teoria da Guerra Justa. A teoria é composta por três fases: jus ad bellum (causas da guerra), jus in bello (conduta utilizada durante a guerra) e jus post bellum (rescaldo da guerra).

A primeira fase diz-nos que uma guerra será justa se for o último recurso a utilizar, depois de todos os meios pacíficos terem falhado e, claro, se o que se pretende atingir com aquela guerra for fruto de boas intenções – por aqui percebemos que uma guerra dificilmente será justa, mesmo à luz desta teoria, já que ter boas intenções ao iniciar uma guerra, sinónimo de destruição e morte, é uma impossibilidade. No

entanto, a teoria tem vindo a ser aperfeiçoada e, hoje, considera-se que a uma guerra será justa, se, e só se, resultar da defesa contra um ataque físico ou a expansão do território da nação agressora.

Esta teoria foi adotada pela Carta das Nações Unidas, que diz, no seu artigo 51.º, que «nada na presente Carta prejudicará o direito inerente de legítima defesa individual ou coletiva no caso de ocorrer um ataque armado contra um membro das Nações Unidas, até que o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para a manutenção da paz e da segurança internacionais». Daqui se conclui que a ONU considera justa, por exemplo, a resposta dada à guerra pela Ucrânia, dado estar a agir em legítima defesa, o que justifica as posições tomadas tanto pelas Nações Unidas, como pela própria União Europeia, que manifestou a sua posição imediatamente após o início do conflito.

Ainda assim, é importante considerar as razões que motivaram as duas maiores guerras da atualidade.

Começemos pela Ucrânia, que foi invadida pela Rússia a 24 de fevereiro de 2022, depois de várias semanas de ameaças por parte do presidente russo, Vladimir Putin. Para justificar a invasão, o Kremlin apontou motivos como a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte pelo Leste Europeu, já que a Ucrânia tem a ambição de ser membro da NATO, o desejo de Putin de restabelecer a zona de influência da União Soviética e a contestação do direito da Ucrânia à soberania independente da Rússia. Além disso, por trás do conflito, estará também, segundo Putin, a intenção de «desmilitarizar e desnazificar» a Ucrânia.

Entretanto, a guerra foi-se desenvolvendo e, ao

fim de, sensivelmente, um ano e onze meses, já mais de dez mil pessoas perderam a vida. De forma racional e perante a Teoria da Guerra Justa, a Ucrânia terá todo o direito à sua defesa e a posição russa é objetivamente condenada e injusta, ideia que é comum a grande parte da Humanidade e, sobretudo, aos cidadãos ucranianos, como é o caso de Kateryna Artishchenko, que, juntamente com a família, foram os primeiros ucranianos que Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra) acolheu, no seguimento da invasão. Quando interrogada sobre o futuro do país, considerou que a atitude russa é profundamente injusta e afirmou: «eu torço muito pelo nosso país, pelo nosso povo. Os nossos militares têm demonstrado muita coragem e espero que tenham sucesso. Não sabemos como e quando é que a guerra irá terminar, mas espero que a Ucrânia não desapareça. Tenho orgulho no nosso presidente e no nosso país.» Portanto, apesar da necessidade de fuga e do momento difícil que o seu país atravessa, esta refugiada ucraniana mantém a esperança, esperando que o conflito tenha o desfecho que deseja.

Já o caso israelita, cujo conflito teve início em outubro de 2023, é mais complexo, visto que teve origem num grupo extremista (o Hamas) e em vários desentendimentos do passado que não foram devidamente solucionados. O Hamas é um grupo palestino que governa a Faixa de Gaza, desde 2007, e que pretende eliminar Israel e substituí-lo por um Estado Islâmico – note-se que o estado de Israel nasceu em 1948, na sequência de 2.ª Guerra Mundial e do Holocausto, e a sua independência nunca foi aceite pela Palestina. O objetivo do Hamas é, assim, destruir Israel e a intenção do atual governo deste país é, por sua vez, destruir o

Hamas. Saliente-se que, nesta guerra, já perderam a vida mais de 4 mil pessoas, sobretudo civis.

No fundo, diria que as duas guerras são injustas, porque todos os povos têm direito à soberania e autodeterminação (princípio que também consta na Carta das Nações Unidas, concretamente no artigo 55.º, e que estes conflitos pretendem violar). Diria, ainda, que, apesar dos motivos enunciados, não há guerras justas, nenhum país merece ver os seus

habitantes a perder a vida ou a assistir à sua destruição.

Os conflitos bélicos baseiam-se muito na lógica popular «olho por olho, dente por dente», mas Gandhi (líder carismático que se bateu pela independência da Índia, através de meios não violentos), sempre irreverente, alterou a expressão, dizendo antes: «olho por olho, e o mundo acabará cego». As guerras não são justificáveis, mas a verdade é que as guerras também sustentam muitos interesses dos diferen-

tes blocos em confronto, bem como dos seus respetivos aliados, e, enquanto as preferências individuais de cada país forem preferíveis à vida humana, os conflitos não desaparecerão e a «História continuará a rimar». Resta-nos ter a coragem necessária para impedir as rimas e escrever um poema completamente diferente e, preferencialmente, mais humano e sensato.

Mafalda Correia, Ciência Política, 12.º C

Palácio-Convento de Mafra

O Palácio-Convento de Mafra é uma das obras portuguesas mais emblemáticas do século XVIII. Com um total de 12000 hectares, é o maior monumento nacional do país.

A obra foi encomendada pelo rei D. João V (símbolo do absolutismo português e responsável por outras obras como a Biblioteca Joanina, em Coimbra, ou o Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa) ao arquiteto alemão Johann Friedrich Ludwig. Originalmente, a obra seria apenas um pequeno convento construído em honra da primeira filha do rei, porém não tardou que a dimensão do projeto aumentasse exponencialmente. O pequeno convento que, no início, teria espaço para 13 frades, acabou por albergar 300 membros da Ordem de S. Francisco. Além disso, um palácio foi erguido juntamente com o convento, com espaço para a família real e toda a corte. No centro desse palácio foi adicionada uma enorme basílica em mármore. A construção foi iniciada no dia 17 de novembro de 1717, terminou por volta de 1730 e, no auge da sua construção, deu emprego a 52 mil trabalhadores.

O Palácio-Convento foi construído no estilo barroco (associado ao absolutismo régio e caracterizado pela grandeza das obras), tendo

belíssimas obras de escultura, pintura e mobiliário.

Uma parte do palácio é constituída por várias salas emblemáticas. Os torreões são facilmente identificados na fachada do edifício, servindo de aposentos reais. O torreão norte pertencia ao rei e era uma espécie de apartamento independente, com cozinha e quartos para os criados. O torreão sul correspondia aos aposentos da rainha e incluía uma capela privada. Os dois aposentos estão separados por uma enorme galeria com 232 metros de comprimento. Outras salas notáveis são a da caça, a dos jogos, a do trono e a biblioteca, que, apesar de só ter sido finalizada após a morte de D. João V, é outro ponto principal do palácio, contendo cerca de 36 mil livros.

Por fim, não se pode falar das características do palácio-convento sem mencionar os 2 enormes carrilhões, com 98 sinos, e os 6 órgãos que se encontram na basílica.

Ao longo dos tempos, o palácio teve vários ocupantes, como D. Maria I, D. João VI, o exército francês e o inglês, durante o período das invasões francesas, e D. Manuel II, último rei de Portugal, que passou a sua última noite antes do exílio no torreão sul.

Apesar de ser uma obra impressionante (tendo por isso recebido o título de Património Mundial da Humanidade, em 2019) e um símbolo da história de Portugal do Antigo Regime e da era do Barroco, não podemos ignorar o facto de a obra ter sido financiada totalmente pelo ouro oriundo no Brasil. Com a descoberta desse ouro, D. João V começou a fazer uma má gestão da riqueza do reino: vivia com imenso luxo no palácio, enquanto o país entrava numa grande crise económica. A questão que podemos colocar a nós mesmos é se o magnífico legado do Palácio-Convento de Mafra, deixado por D. João V, valeu o custo, o estado de crise e o atraso económico que este rei deixou ao seu sucessor, D. José?

A verdade é que se tornou uma das mais emblemáticas obras arquitetónicas portuguesas do século XVIII e inspirou um dos melhores livros do nosso prémio Nobel da literatura, José Saramago. Deve, por isso, ser estudada, preservada e divulgada, para que as gerações futuras possam conhecer e desfrutar da sua beleza.

João Santos e Marta Nunes, História, 11.º

O que têm as Forças Populares de 25 de Abril

Os anos da instauração e consolidação da democracia em Portugal foram abalados por diversas tensões políticas entre as forças de esquerda e de direita. Por um lado, havia pressão dos setores comunistas revolucionários para que o sistema político português evoluísse para sistemas de poder popular, de matriz marxista, fossem eles leninistas, trotskistas, maoístas ou castristas. Por outro lado, os setores mais moderados defendiam uma transição para um regime social-democrata ou socialista-democrático. Assim, muitos divergiam nas suas opiniões e alguns setores procuraram radicalizar a ação política do Partido Comunista Português e de outras formações partidárias marxistas, durante o chamado «Verão Quente», tornando real a possibilidade de eclosão de uma guerra civil. Este ambiente foi favorável ao surgimento de movimentos extremistas. Apesar do fim do Processo Revolucionário em Curso (PREC) ter ocorrido em novembro de 1975, permaneceu um número de insatisfeitos e frustrados com as medidas que ditaram o rumo político do país. Alguns acabaram por se agrupar na associação terrorista aqui em análise.

As Forças Populares 25 de Abril (FP-25) constituíram-se como uma organização de extrema-esquerda que operou em Portugal, entre 1980 e 1987, cujos dirigentes principais terão sido Otelo Saraiva de Carvalho, José Mouta Liz e Pedro Goulart. Muitos dos seus membros

apresentavam um histórico de participação nas Brigadas Revolucionárias, que surgiram no início dos anos 70, como resultado de uma cisão no PCP, e eram integradas por um círculo de indivíduos oriundos da esquerda radical que recusavam a narrativa pacifista adotada pelo partido. Após a operação policial de 1978, responsável pela prisão dos seus mais importantes elementos, Carlos Antunes e Isabel do Carmo, a organização perdeu força. Esta fragilização esteve na génese do Projeto Global, estrutura política e militar diretamente ligada às FP-25 e às suas outras componentes. A violência armada destas foi, por isso, um prenúncio daquilo que, presumivelmente, viria a ser posto em curso pelo projeto de Otelo.

As FP-25 aglutinaram os setores mais radicais do socialismo revolucionário derrotados no 25 de Novembro de 1975, que se encontravam profundamente descontentes com a instauração de um sistema económico que apelidavam de injusto, «burguês» e capitalista. Além disso, o país preparava-se para reeleger Ramalho Eanes, que venceu Otelo por duas vezes nas eleições presidenciais, e para prosseguir com a revisão da Constituição de 1976, realizada pelo governo liderado por Sá Carneiro (líder partidário do PSD, na altura), com os votos, na Assembleia da República, do PSD, CDS e PS. Revisão Constitucional que obrigava à extinção do Conselho da Revolução e retirava à Cons-

tituição parte da carga ideológica marxista. Estes acontecimentos configuraram, para alguns, um retrocesso na consolidação da democracia popular.

Através do Manifesto do Povo Trabalhador, a organização delineou os seus objetivos: o derube do regime, a instauração da ditadura do proletariado, a criação de um exército popular e a implantação do verdadeiro socialismo. O teor do documento assentava numa teoria maoísta, segundo a qual a única alternativa ao fascismo seria o comunismo, assumindo que as diversas formas de democracia associadas ao capitalismo acabariam por ceder à ideologia de extrema-direita. Para instaurar a verdadeira democracia – a «democracia popular» –, o uso da violência armada seria inevitável. Nos manuscritos de Otelo, essa necessidade está bem definida: «É um campo de luta necessário pelo caminho que aponta aos trabalhadores de que nesta sociedade os problemas muitas vezes se resolvem com violência. [...] A violência de massas torna-se um objetivo fundamental a atingir a que devem dar um contributo tanto a organização da classe operária como a prática da violência armada [...]. É indispensável manter com clareza a luta de classes entre a classe operária e a burguesia, como o motor do processo revolucionário».

Entre 1980 e 1987, as FP-25 de Abril foram responsáveis por cerca de 123 ações crimino-

sas que englobavam assassinatos, crimes à mão-armada, atentados bombistas, assaltos a bancos, empresas e viaturas de transporte de valores. As vítimas mortais incluíam desde civis, a agentes das forças policiais, grandes latifundiários, empresários e a dissidentes da organização, os chamados “arrepentidos”, que colaboraram com as autoridades no contexto da «Operação Orion», posta em curso para desmantelar a organização. Tudo em nome da edificação de uma sociedade completamente igualitária e sem classes.

As FP-25 nada mais têm em comum com o 25 de Abril de 1974 do que o seu alegado protagonista Otelo Saraiva de Carvalho, além do apoio de certos setores que ansiavam pela ditadura do proletariado e pelo avanço da Reforma Agrária. A «Revolução dos Cravos» veio trazer

o fim da opressão e a transição para um regime democrático alicerçado na liberdade de expressão, justiça social, pluralismo político, entre outros. No entanto, quando se fala do Projeto Global estes valores são suprimidos pelo espírito terrorista, tomando dúbia a sua associação à data. Os mínimos casos de violência que perpetraram a revolução no contexto internacional marcaram também a diferença entre as duas ações subversivas. A concretização dos ideais da associação terrorista dificilmente resultariam numa ordem social e política melhor do que a que hoje conhecemos.

Assim, as FP-25 representaram não só a distorção dos princípios da revolução, como também uma ameaça à estabilidade, ordem e segurança do país. A revolução política e militar que Portugal viu nascer, em 1974, aspirava por um

Estado de direito, por um país livre, democrático que não descorava os direitos sociais, algo que seria profundamente desestabilizado pela violência intrínseca à essência do grupo que agiu, nos anos 80 do século XX. A verdade é que as forças populares têm muito pouco de 25 de Abril. Não devemos concluir este artigo sem referir que também existiu uma organização terrorista de extrema-direita, que, entre 1975 e 1976, praticou atentados bombistas e cometeu crimes de sangue, no norte do país, contra alvos da esquerda marxista, em nome de valores conservadores e autoritários e do combate contra o comunismo – o Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP). Mas isso é um assunto que não coube na pesquisa que originou este texto.

Sara Ramos e Samuel dos Santos, História A, 12.º D

Tecendo a democracia local: desafios e estratégias para a participação cívica em Portugal

A relação entre o poder local e a Constituição de 1976 é um tema de grande importância no cenário político e social de Portugal. Desde a sua promulgação, a Constituição tem sido um marco fundamental na definição e desenvolvimento do poder local no país.

A Constituição da República Portuguesa, aprovada em 1976, expressa um claro compromisso com os princípios democráticos, como o pluripartidarismo, a soberania popular, a separação de poderes, a independência, a autonomia e o regime semipresidencialista. Esses princípios, junto com outros, igualam todos os cidadãos perante a lei, sem qualquer forma de exclusão. Além disso, a Constituição destaca o caráter social e democrático do Estado, introduzindo alterações significativas nos âmbitos político, económico e social em comparação com o regime anterior, com o objetivo de garantir a igualdade de oportunidades.

Ao reconhecer a autonomia das autarquias locais, a Constituição concedeu-lhes maior liberdade na gestão dos seus assuntos, definição de políticas e prestação de serviços às comunidades. Esse reconhecimento conferiu legitimidade e estabilidade ao poder local, fortalecendo o seu papel no quadro institucional do país. Entretanto, persiste um considerável desco-

nhhecimento sobre este tema entre a população. A democracia local e o papel dos cidadãos muitas vezes não são compreendidos plenamente. Isso reflete uma lacuna na literacia democrática dos portugueses, comprometendo a força da democracia.

No contexto educacional, a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento deveria proporcionar aos alunos conhecimentos básicos sobre a democracia local, como a distinção entre uma Junta de Freguesia e uma Assembleia de Freguesia, por exemplo. Contudo, muitas vezes, a perceção resultante é limitada, focando-se apenas nas eleições quadriénais, o que representa uma visão empobrecida da democracia local.

A falta de conhecimento sobre o poder local persiste. Na minha opinião, os autarcas muitas vezes ambicionam cidadãos idealizados na democracia, subestimando a diversidade de conhecimentos e interesses dos cidadãos. A democracia, sendo representativa, devia exigir uma mais ativa participação cívica.

Neste sentido, os autarcas necessitam de desenvolver novas estratégias para envolver e cativar os cidadãos, tornando isso uma prioridade na política autárquica moderna. A democracia não pode ser reduzida a um simples ato

de votação a cada quatro anos; ela deve envolver uma participação contínua e informada dos cidadãos.

A minha conceção de democracia pode ser discutível, mas para mim, democracia sem informação e participação não é democracia. Sem a educação cívica adequada, os cidadãos não têm a capacidade de debater eficazmente os problemas locais. Debates restritos a gabinetes de câmaras ou assembleias são insuficientes; é crucial a existência de uma opinião pública local, construída e motivada pelos representantes locais, permitindo a deliberação, execução e avaliação das decisões democráticas.

Proponho que a substituição de uma Assembleia Municipal por uma Câmara Municipal Alargada possa facilitar a ligação entre os cidadãos e o poder local.

Ademais, a relação entre o poder local e a Constituição de 1976 também é moldada por mudanças políticas, económicas e sociais ao longo do tempo. Revisões constitucionais e transformações na estrutura do Estado têm influenciado a natureza e o alcance do poder local, refletindo a evolução das necessidades e aspirações da sociedade portuguesa.

Sara Marques, Ciência Política, 12.º ano

Cidadanias

AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO – COMBATER O BULLYING NA ESCOLA



No dia 21 de fevereiro, vieram à nossa escola dois agentes da GNR da Lousã - “Escola Segura”- para fazer uma palestra sobre o tema bullying, pois hoje em dia, há muitas crianças e adultos que sofrem de bullying. O agente João e a Rita explicaram-nos o que era o bullying e disseram que “se alguém fizer bullying contigo, tens de dizer a alguém em quem confies para te ajudar a superar esse problema”. Também foi mostrado um vídeo que falava de um rapaz que chegou ao ponto de não querer ir à escola e de não comer o pequeno almoço.

Foi muito bom falarmos deste tema na nossa escola prevenindo comportamentos, promovendo valores como o respeito, a igualdade e a dizer não à violência. Nós não podemos ser maus para os outros. Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti.

Joana e Leonor - 3º ano turma C- Centro Escolar de Nogueira do Cravo

“O Mundo é a nossa casa”



Depois de termos feito estas descobertas, um aluno do 3.º ano, veio à nossa sala comunicar o que tinha aprendido sobre “O que está a acontecer ao nosso Planeta?”; “Porquê?” e “O que podemos fazer para Preservar o Planeta?”

Ouvimos com muita atenção e fizemos estes cartazes.



Crianças JI da Bobadela



No Jardim de Infância de Seixas, as crianças, em colaboração com as suas famílias, ela-



boraram um cartaz sobre a Sustentabilidade Ambiental. Este é um tema que suscita muito

interesse nas crianças e é muito trabalhado ao longo do ano.

No nosso Jardim, realizamos muitas caminhadas na localidade, para observação do meio natural que nos envolve, valorizando todas as potencialidades e beleza naturais. As crianças são incentivadas a desenvolver atitudes de respeito e preservação pelo meio ambiente e são um veículo de transmissão para também, com as suas famílias, desenvolverem ações que protejam a natureza e o planeta onde todos vivemos.

Jardim de Infância de Seixas
Educadora: Cristina Meneses.

Projetos/Clubes

Clube de Rádio do AEOH visita RTP e SIC



No passado dia 16 de fevereiro, os elementos do Clube de Rádio do Agrupamento de Esco-

las de Oliveira do Hospital deslocaram-se a Lisboa, a fim de visitarem os estúdios da RTP, da SIC e a redação do jornal Expresso.

Os alunos do Clube de Rádio conheciam já bastante bem a realidade de um estúdio de rádio e, como tal, o interesse e o entusiasmo eram elevados, especialmente porque a curiosidade de verem o que está por trás do pequeno ecrã era muito forte!

A expectativa era alta e, de facto, a realidade não desiluiu! A televisão e a rádio são, sem dúvida, áreas muito interessantes e desengane-se quem acha que as mesmas são compostas apenas pelos rostos que vemos ou pelas vozes que ouvimos todos os dias. Aquilo a que assistimos nas nossas televisões ou aquilo que

ouvimos na rádio são fruto do trabalho de uma extensa equipa, que se organiza e programa para que tudo nos chegue de forma célere.

Estes alunos tiveram a possibilidade de visitar alguns dos órgãos que constituem a televisão e que, muitas vezes, não são vistos pelo público, nomeadamente: a régie (local onde se realiza o controlo técnico de uma transmissão) e a redação (local onde os textos sobre os mais variados assuntos são escritos). Visitaram, ainda, alguns estúdios de rádio e assistiram a uma emissão em direto. Além disso, conheceram ainda o Museu da RTP, onde lhes foi apresentada a história da rádio e da televisão em Portugal.

Estar em contacto com estes meios de comu-



nicação foi, para os alunos que frequentam o Clube de Rádio, uma mais-valia, pois puderam aprofundar os conhecimentos nestas áreas.

O Clube de Rádio do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital agradece à RTP e à SIC o terem proporcionado esta oportunidade única e inesquecível.

Ver estes sonhos radiofónicos, tão firmemente intrínsecos nos locutores, tornarem-se realidade, só comprovou aos alunos do Clube de Rádio do AEOH que é possível alcançá-los, porque cada profissional que lá trabalha é prova viva disso, e a jornada é tão fundamental e gloriosa quanto a linha de partida!

Como preferiu Neusa Kobori, "Sonhar alimenta a alma!"

Mafalda Correia, 12. °C
Beatriz Vaz Patto, 12. °D
Matilde Martins, 12. °D



Alunos do 3ºA levam teatro aos seniores da FAAD



No passado dia 20 de março de 2024, os alunos do 3º A da Escola Básica Nº 1 de Oliveira do Hospital surpreenderam os seniores da Fundação Aurélio Amaro Diniz (FAAD) com uma representação teatral. Inspirado na obra "O Nabo Gigante", de António Mota, o momen-



to encantou todos os presentes. O teatro d'O Nabo Gigante foi resultado do projeto "Educ'Arte e os Pequenos Artistas", desenvolvido no âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's). Durante o projeto, os alunos exploraram as expressões dramática,

plástica, musical e corporal, criando adereços, cenários e um pequeno momento musical coreografado.

A iniciativa teve como objetivo principal promover um momento de entretenimento intergeracional entre os seniores da FAAD e as crianças da escola. Além do teatro, que proporcionou um momento muito agradável para os idosos, as crianças também tiveram a oportunidade de aprender a lançar o pião com o Sr. Manuel, uma atividade que foi muito apreciada por miúdos e graúdos.

Este projeto proporcionou uma experiência enriquecedora tanto para os idosos quanto para as crianças, que levarão consigo memórias especiais deste dia.

Sara Marques, Mentora AEC

Movimento Flores'Ser



O projeto "Movimento Flores'SER" surgiu no âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular pelas turmas do 4.º ano da EB1 de Oli-



veira do Hospital. No dia 22 de março foi realizada uma marcha pelo ambiente com o intuito de celebrar o Dia

Mundial da Árvore e o Dia Internacional das Florestas, alertando assim a comunidade para os problemas pelos quais o Planeta Terra está a passar.

Durante esta marcha foram apresentados vários cartazes realizados pelas crianças, canções, poemas e até mesmo momentos teatrais. Foram também distribuídos panfletos pela comunidade e comércio local (realizados também em material reutilizável).

Daniela Marques, Mentora AEC

Laços de Leitura



No âmbito da Festa da Primavera, AEOH a Florir, a Escola Básica de Ponte das Três Entradas foi palco de uma manhã de leituras expressivas, dando asas ao projeto Laços de Leitura, que contou com a participação de duas talentosas Encarregadas de Educação que ca-

tivaram os alunos e toda a comunidade escolar, proporcionando momentos de encantamento e de reflexão.

A atividade teve como principais objetivos o de promover o gosto e hábito pela leitura e fomentar o convívio entre os diferentes elementos da comunidade escolar. Os alunos do 3º ciclo (7º K/8ºI e 9ºJ) participaram nas atividades "construção de flores com materiais recicláveis (plástico)" e "pigmentação de flores naturais". As flores obtidas nesta atividade foram distribuídas pela comunidade escolar e oferecidas, numa articulação entre as disciplinas de Português e de Físico-Química, docentes Carla Néri e Andreia Afonso, às Encarregadas de Educação que participaram na atividade "Laços de Leitura".

Foi, sem dúvida, um exemplo de como a educação pode ser transformadora quando se une a criatividade, a dedicação e o compromisso com o desenvolvimento dos alunos. Que iniciativas como esta continuem a florescer, incentivando o gosto pelos livros e fortalecendo os laços que unem toda a nossa comunidade escolar!

As professoras agradecem e congratulam-se com o envolvimento dos seus alunos e Encarregados de Educação nesta forma diferente de abordar a leitura, contribuindo para que os objetivos da atividade fossem superados.

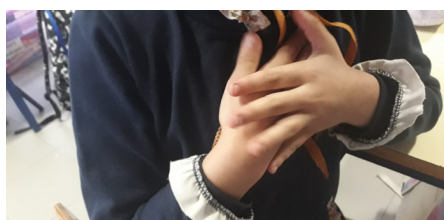
OBRIGADA, POR CELEBRAREM CONNOSCO !

As docentes de Português e de Físico-Química : Carla Néri e Andreia Afonso

Projeto 3" S



A CPCJ de Oliveira do Hospital, no âmbito da comissão alargada, que nas suas competências tem como função desenvolver ações de promoção e proteção junto das crianças, jovens e respetivas famílias, desenvolveu no mês de fevereiro/março uma intervenção em turmas do 1.º Ciclo do AEOH, onde foi trabalhado o Projeto 3" S (Saber, Sentir e Sorrir), dinamizado pela comissão na pessoa da professora Cristina Romano. Este projeto fala-nos de como as crianças devem agir "Sentir" em situações da vida real e lidar com as suas emo-



ções usando o "Saber" adquirido na escola e, com isto aprender a "Sorrir" nas suas vidas. Através deste projecto, a comissão pretendeu também promover os Direitos das Crianças e prevenção das mesmas em situações de perigo. Paralelamente também se efetuou um diagnóstico das necessidades e dos recursos existentes por parte dos professores titulares, sensibilizando os docentes para as problemáticas atuais no contexto escolar e da interação que pode existir entre eles e a comissão, podendo assim no futuro desenvolvermos mais ações de prevenção do risco infantil e juvenil direcionadas para problemáticas específicas dos temas identificados.

Professora Cristina Romano

Os alunos da turma COR-B, do 3.º ano de escolaridade, participaram nas duas sessões do Projecto 3" S (Saber, Sentir e Sorrir), nos dias 28 de fevereiro e 6 de março.

Nestas sessões aprendemos a importância do "saber", do "sentir" e do "sorrir" para a nossa vida. Partilhámos alguns dos nossos sonhos; reconhecemos que a mulher teve sempre mais dificuldades do que o homem ao longo dos tempos; aprendemos que devemos sempre respeitar os outros; devemos pedir ajuda quando não conseguimos; não podemos descarregar a nossa raiva nos outros; devemos sempre partilhar o que temos, mesmo que seja só um sorriso... Compreendemos o lema da Cristina: "Sou feliz porque eu quero!" e que nunca nos devemos deitar zangados com ninguém!...

No final das sessões, desenhámos e/ou escrevemos o que quisemos num cartaz de partilha enorme, assim como fizemos a autoavaliação sobre as sessões. Assim, estas sessões foram muito divertidas, educativas e interessantes.

Os alunos do 3.º ano da EB de Cordinha

Os Sons que nos rodeiam



Está a ser dinamizado no AEOH o Projeto "Os Sons que nos rodeiam".

Este projeto visa a escuta criativa e atenta das paisagens sonoras da (e ao redor) escola sede do AEOH, através de oficinas de escuta e gravação sonora realizadas com os alunos do 2º Ciclo.

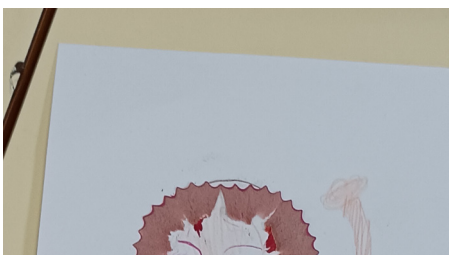
Estão a ser apresentadas aos alunos noções básicas sobre paisagens sonoras, escuta atenta e gravação sonora, tendo por objetivo último a criação de um arquivo sonoro digital e uma exposição multimédia (sons, ilustrações, fotografias, texto), que ficarão disponíveis para

o público de forma livre e gratuita no site do AEOH.

As gravações sonoras já decorreram no Parque dos Marmelos e na Escola sede do AEOH. Estas, deram origem a uma peça sonora que esteve audível na "Festa da Primavera", no auditório do Pavilhão A.

Ângela Prata / Isabel Rosa / Luís Antero

OS PEQUENOS ARTISTAS: A ARTE DE EXPERIMENTAR E CRIAR



No âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular e do Programa EDUC'ARTE, a mentora Rafaela Azevedo de Souza desenvolveu com as crianças da Escola Básica do Seixo da Beira (turmas A e B) do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital o projeto "OS PEQUENOS ARTISTAS: A ARTE DE EXPERIMENTAR E CRIAR".

O projeto teve como principais objetivos: 1-Enriquecer as experiências das crianças acerca



da ARTE como um todo, tendo como foco as expressões dramática, musical e plástica; 2-Ampliar o repertório linguístico; 3-Desenvolver a atenção, imaginação e criatividade; 4-Promover vivências em que as crianças pudessem expressar a sua sensibilidade ao terem contacto com a arte; 5-Promover a cooperatividade; e 6-Possibilitar o diálogo e a diversão.

Os principais temas trabalhados foram: Arte Dramática (construção de marionetas e cria-



ção de dramatizações/improvisações), Arte Musical (criação de sons, criação de instrumentos musicais com materiais reciclados e bandas) e Arte Plástica (arte com elementos da natureza, arte em pedra, arte com esponja, folha branca e revista, confecção de plasticina, arte com aparas de lápis coloridos e arte em origami).

Rafaela Azevedo de Souza, Mentora AEC

Desporto Escolar

BADMINTON EM GRANDE...NA EB DE LAGARES



Tem sido enorme o entusiasmo dos alunos da EB de Lagares da Beira pela modalidade de badminton. Mais de um terço dos alunos do 2º e 3º ciclos praticam com regularidade, às segundas e sextas-feiras, esta modalidade no

Clube do Desporto Escolar.

Apesar dos principais objetivos passar ser a prática regular duma modalidade desportiva e o adotar de estilos de vida saudáveis, nas várias concentrações já disputadas a nossa pequenada não tem “deixado os créditos por mãos alheias” e têm apresentado resultados dignos de registo.

Nos escalões de iniciados e juvenis foram cinco os alunos que conseguiram já o passaporte para a fase final distrital.

No 3º período, no dia 16 de abril, ainda teremos, em competição, os mais pequenos – Infantis A e B, que decerto procurarão aproveitar a oportunidade para um salutar convívio e melhorarem as suas performances.

Romão Rodrigues



LAGARES A CORRER E A SALTAR



No passado dia 28 de fevereiro, durante todo o dia, realizou-se no Estádio Municipal de Tábua, a fase distrital do Mega Sprinter.

Os alunos mais velozes, os melhores saltadores, os mais hábeis lançadores e os com maior resistência, de todas as escolas do distrito de Coimbra, reuniram-se para a grande festa do Atletismo.

A Escola EB de Lagares esteve representada com os seus 12 superatletas que deram o seu melhor para “honrar a camisola” e bem representar a escola e o Agrupamento.

Romão Rodrigues

Badminton – Clube do Desporto Escolar



Durante o segundo período, a nossa Escola participou em cinco competições: três concentrações de apuramento em Tábua e Cordinha (duas vezes) e no Campeonato Distrital de Iniciados e Juvenis, respetivamente em Paião e Poiães.

Salientamos o número elevado de alunos que têm comparecido nos treinos e a melhoria na qualidade do desempenho desde o início do ano letivo. Nas fases de apuramento, temos vindo a alcançar várias fases finais, entrando na discussão pelos lugares cimeiros, reforçan-



do a expectativa de conseguirmos alcançar a Fase Final Distrital, a realizar em maio, nos escalões de Infantil A e B, tal como conseguimos atingir nos escalões de Iniciados e Juvenis. Destacamos, ainda, o ambiente competitivo saudável, existente entre todos, com os alunos a revelarem quer em treino, quer em provas, muita entrega, esforço e superação, sempre com elevado espírito desportivo.

No próximo dia 17 de abril, será a quarta concentração de apuramento, em Tábua, no escalão de Infantis, tendo em vista a possível par-

N.º	Ano Turma	Nome	1ª Concentração Tábua	2ª Concentração Cordinha Singulares e Pares	3ª Concentração Cordinha Singulares	Fase Distrital Paião Iniciados Juvenis e Pares	Escalão
3	5ºC	BERNARDO RIBEIRO	7ª	-	2ª	-	Infantil A
5	5ºC	EMILY GOMES	5ª	-	4ª	-	Infantil B
11	5ºC	MARY MIRANDA	-	-	3ª	-	-
2	5ºE	AFONSO GOURIEA	3ª	-	2ª	-	Infantil A
5	5ºE	DUBU RODRIGUES	5ª	-	4ª	-	Infantil A
7	5ºE	DUARTE FERNANDES	5ª	-	5ª	-	Infantil A
15	5ºE	LARA SIMOES	7ª	-	5ª	-	Infantil B
18	5ºE	LIANA NUNES	2ª	-	3ª	-	Infantil B
7	6ºC	GUSTAVO SILVA	-	-	5ª	-	Infantil B
17	6ºF	RODRIGO SARAIVA	13ª	-	6ª	-	Infantil B
13	7ªA	JULIAO GOMES	9ª	-	1ª	-	Infantil B
5	8ºB	INES LOPES COSTA	4ª	6ª e 2ª	6ª	-	Iniciado
12	8ºB	MADALENA MARQUES	7ª	2ª e 1ª	2ª	-	Iniciado
17	8ºB	SAYURI SILVA	5ª	4ª e 3ª	4ª	-	Iniciado
5	9ºB	CAROLINA MARTINS	5ª	5ª e 2ª	5ª	6ª	Iniciado
7	9ºB	DINIS GAMA	13ª	9ª e 1ª	14ª	-	Iniciado
8	9ºB	INES SANTOS COSTA	1ª	1ª e 3ª	2ª	5ª e 6ª	Iniciado
25	10ªA	RITA CASTANHEIRA	-	7ª	3ª	-	Juvenil
17	10ºD	LEONOR COSTA	2ª	3ª	2ª	5ª	Juvenil
18	10ºD	MARCIA DUARTE	3ª	2ª	4ª	Arbitragem	Juvenil
11	10ºG	LEONOR MONTEIRO	-	4ª	3ª	-	Juvenil
7	12ªA	CLAUDIA BRITO	3ª	-	-	-	Júnior

participação no Campeonato Distrital, dia 14 de maio, em local ainda a definir.

Professor Responsável pelo Grupo Equipa de Badminton:
Paulo Silva

VICE-CAMPEÕES DE BADMINTON SÃO DE LAGARES



A Escola EB de Lagares, depois de uma bem disputada fase de grupos, que envolveu também as escolas da Cordinha, Oliveira do Hospital, Tábua e Midões, apurou dois alunos na competição de singulares e duas duplas (uma masculina e outra feminina), na competição de pares para a fase final distrital de badminton, no escalão de iniciados. Esta fase decorreu no dia 22 de março, no Agrupamento de Escolas

de Paião.

Os nossos atletas estiveram em bom plano, tanto na competição de singulares como na competição de pares, tendo nesta última tipologia de competição obtido resultados de relevo. A dupla feminina, composta pelas alunas Carolina Barata e Leonor Pinto, classificou-se em 4º lugar. Já a dupla masculina, com os alunos Rui Marques e David Carmo, foi vice-campeã distrital, tendo, com este resultado, garantido uma vaga para os Regionais de Badminton, que decorrerão em Castelo Branco, nos dias 26 e 27 de abril.

Parabéns aos nossos campeões!!!

Romão Rodrigues



Mega Sprinter 2023/24



No passado dia 28 de fevereiro realizou-se o Mega Sprinter Fase CLDE no Estádio Municipal de Tábua. Os alunos Gonçalo Almeida 5ºA, Dalila Fernandes 5ºB, Miguel Maia 5ºC, Juliana Henriques 5ºC, Oriana Gonçalves 5ºC, Afonso Peres 5ºD, Mariana Mota 5ºF, Laura Vicente 7ºE, Francisco Amaro 7ºE, Juliana Rodrigues 7ºB, Duarte Santos 7ºA, Inês Oliveira

6ºE, Francisco Ferreira 7ºE, Leonor Nina 6ºE, Manuel Rocha 7ºA, Maria Santos 9ºA, Joana Mota 9ºB, Samuel Amaro 8ºE, Matheus Lauer 7ºC, Mariana Gonçalves 8ºD, e, João Carvalho 8ºB foram representar a Escola Secundária de Oliveira do Hospital, tendo sido apurado, com a classificação de 1º lugar, para o Mega Sprinter Nacional, a realizar dias 19 e 20 de abril na

Marinha Grande, o aluno Samuel Amaro, do 8ºE, na prova do Mega Salto (Salto em Comprimento).

Desporto Escolar 2023/24 - Atletismo

Os alunos dos escalões Iniciado e Juvenil do Grupo Equipa de Atletismo competiram no dia 19 de março no Complexo Desportivo em Febrés, tendo sido apurados para o Campeonato Regional, a realizar no dia 30 de abril, na Marinha Grande, os alunos Leonor Fernandes 8ºB (Salto em Altura), Samuel Amaro 8ºE (Salto em Altura e Salto em Comprimento), Mateus Pires (1500 metros), e, Simão Tavares (Salto em Altura e Salto em Comprimento).

Dora Guerreiro

Natação – Clube do Desporto Escolar



Durante o segundo período, a nossa Escola participou em quatro competições: três em



Arganil, (janeiro, fevereiro e março) e no Campeonato Distrital de Iniciados e Juvenis, em Penacova. Nesta última prova, salientamos a prestação da aluna Diana Diniz, que obteve o 3º lugar em 50m Bruços e o 5º lugar em 50m Livres. Nas restantes competições, há a referir que os resultados foram bons, com melhorias dos tempos alcançados, desde a primeira prova até à última competição. Salientamos, ainda, que os alunos revelaram, quer nos treinos, quer nas competições, bastante empenho, muita superação e excelente espírito desportivo. No próximo período, será a vez dos Infantis participarem no Campeonato Distrital, dia 15 de maio, em Montemor-o-Velho.

Aqui ficam os nomes dos nadadores que participaram em provas/treinos até ao momento: 5ºA (Eduardo Silva, Guilherme Oliveira, Guilherme Nascimento, Leonor Pires, Tomás Almeida, Tomás Afonso), 5ºB (Dalila Fernandes, Guilherme Monteiro), 5ºD (Alexandra Correia, Carol Pereira, Guilherme Custódio, Leonor Ferraz, Madalena Oliveira, Rodrigo Santos), 5ºE (Afonso Gouveia, Gonzas Mota, Lara Simões, Laura Silva, Luana Nunes, Matilde Garcia), 5ºF (Beatriz Branco, Débora Gomes, Xana Jorge, Nikolai Zhuravel), 6ºC (Débora Figueiredo, Lénia Capone, Maria Figueiredo), 6ºE (Ana Luísa Reis), 6ºF (Íris Correia, Mara Nunes, Mariana Nunes), 7ºB (Mariana Moura, Sofia Ferreira, Tiago Lopes), 7ºD (Matilde Bento, Matilde Costa, Inês Salgado), 7ºE (Marlene Garcia), 8ºC (Afonso Gonçalves, Beatriz Lopes, Kayane Oliveira, Rodrigo Sampaio), 8ºD (Soraia Costa), 9ºD (Carolina Henriques, Maria Machado), 9ºE (Diana Diniz), 9ºF (Laura Pereira), 12ºA (Sara Marques).

Paulo Silva, Professor responsável pelo Grupo Equipa de Natação

CAMPANHA "POR AMOR À CAMISOLA"



A Área Disciplinar de Educação Física e o Clube do Desporto Escolar da Escola EB de Lagares da Beira lançou, no 2º Período, a campanha "Por amor à camisola".

Esta iniciativa teve como principais objetivos promover o Clube do Desporto Escolar, incrementar o gosto pela escola e o sentimento de pertença à grande família - Escola EB de Lagares da Beira.

Esta campanha foi apresentada à Associação de Pais que a apadrinhou e apoiou. Assim, foi criado um logótipo para o Clube do Desporto Escolar que deu cor às t-shirts, distribuídas a todos os alunos que frequentam, com regularidade, o Clube do Desporto Escolar, nas modalidades de Badminton e Futsal.

Muitos foram ainda os pais, professores e assistentes operacionais que, com muito orgulho, também "vestiram a camisola".

Romão Rodrigues

AEOH
Agrupamento
de Escolas
Oliveira do Hospital



Desporto Escolar

O grupo equipa de ténis do desporto escolar "brilha" em Coimbra



No dia 22 de fevereiro, na Escola EB 2,3 Drª Mª Alice Gouveia, realizou-se uma sessão experimental da nova modalidade de PICKLEBALL,



com a participação de 65 alunos representantes de todos os escalões de várias escolas do distrito. Apesar de se tratar de uma sessão

experimental, para a maioria dos atletas, o entusiasmo e o desempenho técnico superou as expectativas.

O segundo encontro realizou-se no dia 20 de março, no Choupal, com a participação de dezasseis alunos do agrupamento. Para a maioria, foi a primeira participação num torneio de ténis, tendo obtido excelentes resultados e performances desportivas.

É importante salientar a boa disposição e espírito de equipa de todos os alunos.

Professor responsável: Diogo Almeida

Biblioteca Escolar

Biblioteca Escolar



No âmbito do Projeto "Escola a Ler", as docentes que integram a equipa da Biblioteca Escolar dinamizaram diversas atividades para os alunos do 1.º ciclo, entre elas:



- A história "Natal nas Asas do Arco-íris", de Alice Cardoso, tendo como personagem principal Ariela, uma pequena fada de asas transparentes que ficou muito curiosa quando soube da existência de uma cidade cinzenta. Porque teria perdido a cor? Como seriam os seus habitantes? As crianças seriam felizes? O que será que Ariela e as suas amiguinhas vão fazer para tornar especial o Natal, nesta cidade cinzenta?... Os alunos ficaram a conhecer, de



forma entusiasta, esta história, reproduzindo a mesma através de desenhos e de produção de textos.

- Os alunos assistiram à apresentação da obra "A Arca do Tesouro", de Alice Vieira. Tiveram, ainda, a oportunidade de conhecer a biografia e outras obras da escritora, expostas na Biblioteca. Por fim, receberam o molde de uma arca, para decorar a gosto e colocarem no seu interior as palavras que gostariam de dizer... Todos os trabalhos foram expostos nas Bibliotecas escolares.

A equipa da BE agradece a todos os envolvidos, pela imaginação, criatividade, participação e colaboração nestas iniciativas.

“BE Meu lugar preferido para criar e imaginar”



No âmbito do projeto Escola a Ler - Leitura orientada, e sob o tema “BE Meu lugar preferido para criar e imaginar”, a professora Maria João Neves dinamizou atividades com as três turmas do 1.ºCEB, a turma do 5.ºano e as duas turmas do 6.ºano da EB da Cordinha.

Numa primeira fase, a atividade consistiu em apresentar e ler o livro “O que é o Amor?” de



David Cali e Anna Laura Cantone, com os objetivos de desenvolver a oralidade, a compreensão oral e leitura com os alunos, para que os mesmos identificassem e associassem o amor a: tamanho, forma, cor, cheiro, paladar, sentimentos e pessoas.

Na apresentação do livro, o diálogo estabelecido com os alunos foi riquíssimo e as interações

entre eles foram momentos de partilha e aprendizagem.

Numa fase posterior, e em contexto de sala de aula com as professoras titulares de turma e com as DT, foi realizado um trabalho de Educação Artística com os alunos, que se traduziu na construção de um envelope, utilizando as técnicas da pintura e dobragem. Igualmente, em contexto de sala de aula, os alunos elaboraram um acróstico, desenvolvendo a escrita criativa. Por fim realizou-se uma exposição nas instalações da Biblioteca Escolar da EB da Cordinha. Esperamos que estas atividades tenham contribuído para a vontade de ler e incrementar a leitura e a requisição de livros nas bibliotecas.

Maria João Neves – Prof. 1.ºCEB

Encontro com a autora Lúcia Morgado



No dia 28 de fevereiro, teve lugar na biblioteca “O Arguina”, da Escola Básica de Nogueira do Cravo, uma atividade de promoção à leitura e escrita, destinada às crianças da Educação Pré-Escolar. Nesse dia, a autora Lúcia Morgado fez a apresentação de algumas das suas obras. Neste contexto, a escritora realizou uma sessão com adivinhas e outros jogos de linguagem. Respondeu a questões colocadas pelas crianças e contou a história “Mariana, a menina que sonha acordada”. Esta atividade culminou



com a magia de bolas de sabão e a sessão de autógrafos nos livros adquiridos pelas crianças. Foi uma iniciativa que veio despertar o interesse das crianças pelos livros. Estes podem ser meios para despertar os sonhos e desenvolver a sua imaginação e criatividade. Aprendemos todos que podemos “sonhar acordados”!

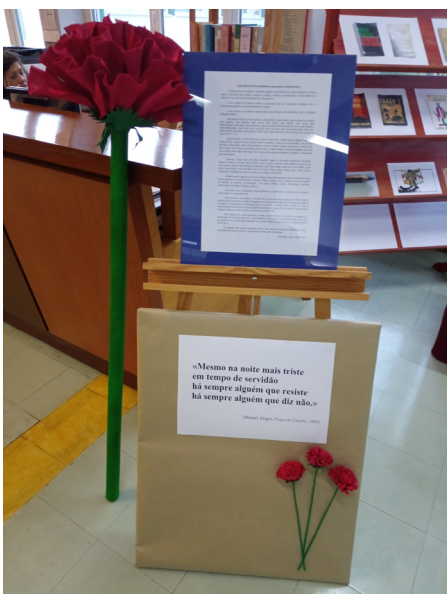
Também foi com muito interesse que as crianças do Jardim de Infância de Oliveira do Hospital exploraram o livro da escritora, tendo realizado vários trabalhos que foram oferecidos



à autora, no encontro realizado na biblioteca Escolar da EB1 de Oliveira do Hospital. Aí, tiveram oportunidade de “brincar” com as palavras, de ouvir novamente a história (desta vez pela voz da escritora) e de cantar a canção da Mariana. No final foram autografados os livros adquiridos pelas crianças

Educadoras: Adelaide/Isabel/ Fátima e Helena

Exposição de Livros proibidos e censurados no Estado Novo



Na biblioteca da escola secundária do AEOH, entre finais de março e inícios de abril, foi apresentada uma exposição sobre os livros proibidos



dos e censurados do Estado Novo. A exposição foi enquadrada pelo seguinte texto:

«O Estado Novo de Salazar e Marcello Caetano (1933-1974) criou uma máquina de censura prévia e repressiva que atingiu os media, o cinema, o teatro, os espetáculos, as artes plásticas, a música e os livros de autores portugueses e estrangeiros.

O seu objetivo foi suprimir todos os conteúdos que não estivessem alinhados com os fundamentos políticos, morais e filosóficos do regime.

Como escreveu o jornalista César Príncipe, «EM PORTUGAL, NEM A PRÓPRIA CENSURA EXISTIA:

NEM PRESOS POLÍTICOS. NEM SUICÍDIOS. NEM BARRACAS. NEM CÔ-



LERA. NEM AUMENTO DE PREÇOS. NEM ABORTOS. NEM GUERRAS. NEM HIPPIES. NEM GREVES. NEM DROGAS. NEM GRIPIES. NEM HOMOSSEXUAIS. NEM CRISES. NEM MASSACRES. NEM NUDISMO. NEM INUNDAÇÕES. NEM FEBRE AMARELA. NEM IMPERIALISMO. NEM FOME. NEM VIOLAÇÕES. NEM POLUIÇÃO. NEM DESCARRILAMENTOS. NEM TIFO. NEM PARTIDO COMUNISTA. NEM FRAUDES. NEM POISOS EXTRACONJUGAIS. NEM RACISMO» (Os segredos da censura, 1979, p. 12)

Aquilino Ribeiro, Tomás da Fonseca, Maria Teresa Horta, Natália Correia, Miguel Torga, José Cardoso Pires, Vergílio Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Cunha Leal, Raul Brandão, Luís de Sttau Monteiro, Alves Redol,

Soeiro Pereira Gomes, Herberto Helder, António José Saraiva, Carlos Rates, Óscar Lopes, Irene Lisboa, Luís Pacheco, Maria Lamas, António Sérgio, Humberto Delgado, Bento de Jesus Caraça, José Régio, Raul Rego foram alguns dos autores portugueses proibidos e censurados pelo Estado Novo. Casanova, Victor Hugo, Karl Marx, Friedrich Engels, La Fontaine, Kropotkine, Proudhon, Gustave Flaubert, Jean Paul Sartre, Gorki, Lenine, Trotski, Churchill, André Malraux, Garcia Lorca, Italo Calvino, Simone Weil, Simone de Beauvoir, John Reed, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, Emilio Bossi, André Breton, John Steinbeck, John dos Passos, Tolstoi, Jorge Amado, entre muitos outros, integraram o catálogo dos autores estrangeiros proibidos e censurados.

O índice incomensurável da censura atingiu, indiscriminadamente, livros e autores dos mais diversos géneros, correntes literárias, épocas e origens: poesia, contos, novelas, romances, ensaios de História, de Filosofia, de Sociologia e de Ciência Política; poetas, romancistas, jornalistas, cientistas, historiadores, sociólogos, filósofos, políticos... Livros que eram considerados «inconvenientes» ou «perigosos» e rotulados de «imorais», «comunistas» ou «pornográficos». Para controlar a informação, os Serviços de Censura obtinham denúncias de informadores secretos ou dos membros da Legião Portuguesa, recorriam à colaboração livre ou forçada de editores e livreiros, à cumplicidade de entidades como os Correios, a Guarda Fiscal, a GNR ou a PSP, valiam-se da cooperação dos funcio-

nários do Secretariado Nacional de Informação (SNI), dispunham da anuência da hierarquia da Igreja Católica, e, evidentemente, contavam com a ação zelosa da PVDE/PIDE/DGS. Esta máquina de censura poderosa e eficaz, complementada por ações de propaganda e doutrinação desenvolvidos pelo SNI e pelo Ministério da Educação, contribuíram para incutir nos portugueses uma representação dogmática de um país imaginário, que assegurou a perpetuação do Estado Novo. A exposição aqui exibida representa apenas uma amostra de relatórios de livros censurados, assim como de autores e títulos cuja edição foi proibida pelo Estado Novo».

Luís Filipe Torgal

História e Memórias do 25 de Abril



No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, realizou-se, no passado dia 20 de março, uma comunicação, com lugar na Biblioteca da Escola Secundária do AEOH. O evento, apelidado de «História e Memórias do 25 de Abril», contou com a presença do Engenheiro António Campos e do professor catedrático, Luís Reis Torgal. A conversa enveredou por caminhos políticos, mas também históricos, e, por isso, os presentes puderam assistir a uma dualidade de opiniões e a uma visão política e histórica daquilo que foi o pré-25 de Abril, o 25 de Abril e o pós-25 de Abril.

O objetivo seria proporcionar um momento de debate aos presentes, confrontando os factos históricos com aquilo que a memória guardou.



Assim, a primeira intervenção foi feita pelo professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Luís Reis Torgal, que apresentou algumas informações históricas relativas à «Revolução dos Cravos», mas também ao período de governo do Estado Novo. Seguidamente, o Engenheiro Campos fez a sua exposição, relatando, na primeira pessoa, como se processaram os eventos que conduziram à Revolução e os primeiros tempos em democracia, contando também como aconteceram outros factos históricos relevantes, nomeadamente o pedido de adesão à União Europeia.

Terminadas as intervenções, seguiu-se um longo, mas interessante debate, que abordou

questões como a evolução do ensino nestes 50 anos democráticos, o futuro das democracias, com especial foco no sistema português e a avaliação da Revolução do 25 de Abril de 1974, tentando perceber-se se a sua missão foi cumprida ou se, como disse Fernando Pessoa, «falta cumprir-se Portugal».

É muito bom que iniciativas como esta continuem a ser realizadas e preencham algum tempo da vida de cada um de nós, uma vez que, enquanto portugueses, é fundamental conhecermos uma das épocas mais importantes da nossa História recente, nomeadamente através de perspetivas que, para além de distintas, são comunicadas por intelectuais que não só viveram o 25 de Abril de 1974, mas também o analisam ou na sua vida profissional, ou o experimentaram, enquanto mudança alcançada, na sua atividade política.

Aproveitemos e usufruamos destas oportunidades que enriquecem o nosso conhecimento e cultura geral, sempre com a lembrança de que só por causa da «Revolução dos Cravos» é que estão ao nosso alcance.

Beatriz Patto, Matilde Martins e Mafalda Correia

AEOH em Ação

“A arte de transformar para reutilizar”



No âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular, as turmas do 1.º ciclo da Escola Básica da Ponte das Três Entradas, desenvolveram um projeto sobre a reutilização de roupas usadas ao qual denominaram de “A arte de transformar para reutilizar”. Depois de realizada uma recolha de peças de roupa junto das

famílias, os alunos, com muita imaginação e criatividade, criaram modelos.

No final, foram obtidos 10 novos modelos que foram apresentados no dia 14 de março à comunidade escolar, no desfile “Reutilizar para Florir”. Posteriormente, no dia 22 de março, as peças foram também apresentadas no Lar



Nossa Senhora da Assunção em Avô.

Andreia Oliveira, Jorge Oliveira e Leandro Trindade
Mentores AEC

DESFILE DE CARNAVAL



Depois de ter sido adiado por condições meteorológicas adversas, foi realizado no dia 16 de março o habitual desfile de Carnaval do AEOH



que deu cor às ruas de Oliveira do Hospital. As escolas do Agrupamento marcaram presença com cores, sabores, sons e cheiros do mundo.

Foi delicioso ver desfilarem pequenas panelas de sopa, frutas, sardinhas assadas, o nosso tão famoso queijo da serra, ouvir o som dos pastores e os chocalhos das ovelhas e dos caretos. E não houve fronteiras para ver chineses, índios, esquimós, mexicanos, sevilhanas e havaianas, m&ms e outras gulodices... enfim, meninos de todas as cores, juntos na alegria de mais um Carnaval.

Luísa Costa

Carnaval em Lagares da Beira



O mais antigo corso de carnaval concelhio saiu à rua e a Escola de Lagares da Beira/AEOH foi



a rainha da festa.

Para a concretização deste evento, conta-se sempre com a valiosa participação do ATL/COJ desta escola, na idealização e confeção dos fatos carnavalescos, e também com a preciosa colaboração das Assistentes Operacionais. A execução do carro esteve a cargo dos

elementos que constituem a nossa Associação de Pais.

Este ano o grupo da escola desfilou com o tema "Os 30 Anos da Escola de Lagares da Beira". Um grande bem-haja a todos os que se envolveram, de forma empenhada, nesta atividade, assim como ao Grupo Desportivo de Lagares da Beira que transportou os nossos foliões até ao local do desfile.

Todo este trabalho resultou num desfile com dezenas de foliões trajados a rigor, que deram cor e alegria às ruas de Lagares da Beira.

A Coordenação da Escola
Fernanda Gomes
Elisabete Ribeiro

CENTRO DE DIA & ESCOLA DO 1º CEB



No último dia do 2º período, no âmbito das atividades do AEOH a Florir, os alunos do 3º e 4º anos da EB 1 de Nogueira do Cravo desfilaram pelas ruas da povoação com os seus bonitos chapéus de primavera, e foram visitar os idosos do Centro de Dia de Nogueira do Cravo. Foi visível a alegria no rosto dos idosos ao receberem a visita das crianças. No salão do Centro, as crianças cantaram uma canção

alusiva ao 25 de abril e distribuíram um cravo a cada utente. Fomos muito bem recebidos com um lanche convívio onde partilhámos vivências e muitos sorrisos.

Libânia Santos, coordenadora do CENC

Aula de Mafalda Correia sobre os perigos e desafios das democracias contemporâneas



No âmbito do projeto evocativo dos 50 anos do 25 de Abril no AEOH, a aluna Mafalda Correia, do 12º ano, inscrita na disciplina de Ciência Política, apresentou, no dia 15 de fevereiro, no anfiteatro da escola secundária, a alunos de várias turmas do ensino secundário e aos seus professores, uma aula sobre os perigos e desafios das democracias atuais.

Na sua aula, recordou a origem e o significado etimológico da palavra «democracia». Explicou os princípios fundamentais dos sistemas de-

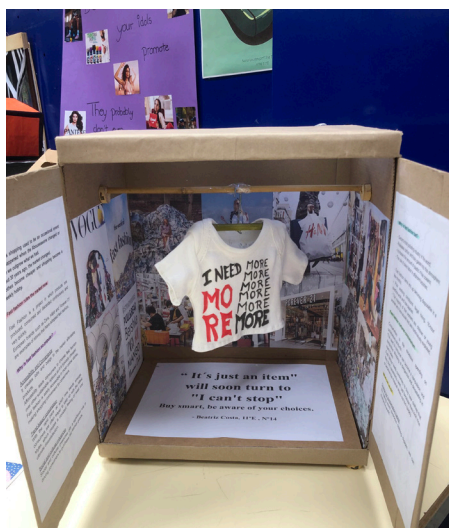


mocráticos. Alertou para os ataques, mais ou menos explícitos, desferidos às democracias por partidos e líderes de várias correntes populistas: Putin, na Rússia; Bolsonaro, no Brasil; Meloni, em Itália; Trump, nos EUA; Geert Wilders, nos Países Baixos; Orbán, na Hungria; Ventura, em Portugal... Apresentou uma tipologia dos partidos de esquerda e direita moderada, bem como da extrema-esquerda e da extrema-direita. Refletiu sobre os perigos que correm as democracias contemporâneas, que

estão a regredir na Europa e no mundo. Recordou distopias do passado. E apelou aos jovens para se baterem, de forma esclarecida, pela preservação e aprofundamento da democracia: «O futuro não se avizinha fácil, mas nós somos os únicos que o podemos tornar mais simples». A aula da Mafalda Correia revelou conhecimentos consolidados, pensamento crítico, um discurso fluente e uma maturidade incomuns para uma jovem da sua idade. Proporcionou, no final, um debate vivo e participado por vários alunos, que foi muito bem moderado pela Mafalda. Iniciativas como esta são uma forma objetiva de a escola preparar os alunos para defenderem as «sociedades abertas» – onde os cidadãos gozam de plena liberdade, para pensarem, circularem e fixarem-se noutros países, falarem e decidirem – e combaterem as «sociedades fechadas» – onde os Estados autoritários (ou iliberais) suprimem as liberdades fundamentais e transformam os cidadãos em súbditos.

Luís Filipe Torgal

DIA MUNDIAL DA DEFESA DO CONSUMIDOR



À semelhança dos anos letivos anteriores, as áreas disciplinares de Economia e Inglês assinalaram, no pretérito dia 15 de março, o Dia Mundial da Defesa do Consumidor, com uma exposição conjunta alusiva ao tema, que esteve patente no átrio do pavilhão D, da escola sede, entre os dias 14 e 22 de março. Os trabalhos foram elaborados por alunos dos 10º e 11º anos, que, de forma empenhada e criativa, contribuíram para o sucesso desta atividade,

incluída, também, na Festa da Primavera - AEOH a Florir. Pretendeu-se, com esta iniciativa, sensibilizar a comunidade escolar para a necessidade de sermos consumidores informados, conscientes e responsáveis, tendo em vista a sustentabilidade ambiental e uma gestão eficaz dos recursos financeiros. Os alunos de Inglês do 11º ano, turmas A, B, D e E assistiram, ainda, à exibição do filme "Confessions of a Shopaholic", no anfiteatro do pavilhão D, sendo que o mesmo filme, na versão portuguesa, foi igualmente exibido para os alunos de Economia do 10º ano. A atividade teve uma excelente participação dos alunos envolvidos.

Os docentes responsáveis Adelaide Rafael, Carlos Rodrigues e Ana Cristina Costa

Os docentes responsáveis

Adelaide Rafael, Carlos Rodrigues e Ana Cristina Costa

DIA DA MULHER NA ESCOLA BÁSICA DA PONTE DAS TRÊS ENTRADAS



No âmbito da comemoração do Dia da Mulher, foi dinamizada na Escola Básica da Ponte das Três Entradas a exposição "Mulheres com História". Para o efeito, foram expostos um conjunto de cartazes elaborados nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento, com dados biográficos de algumas figuras femininas que se destacaram em várias áreas (literatura, ciência, desporto e cultura).

Comemorado anualmente no dia 8 de março, esta efeméride pretende celebrar os direitos que as mulheres conquistaram até aos nossos dias e, ao mesmo tempo, relembrar que ainda perduram diferenças entre os homens e as mulheres em muitos pontos do globo, no que concerne à igualdade salarial, forma de tratamento, representação feminina em cargos de liderança, na proteção em situações de violência sexual, físico e/ou psicológica

Prof. Luís Martins

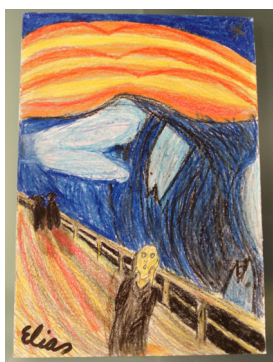
EASTER BONNET PARADE



O "Easter Bonnet Parade" chegou às escolas do 1º CEB do AEOH para celebrar a chegada da primavera e da Páscoa. Foram realizados desfiles nas diversas escolas com chapéus e colares alusivos ao tema. Foram momentos de muita cor e animação. Parabéns aos alunos e aos seus familiares, que demonstraram muita animação e criatividade!!!!

Ana Sancho, docente de Inglês no 1º CEB

Exposições de Educação Visual



Exposição “Perspetiva com Mondrian” - 6ºJ Exposição “Perspetiva- 6ºF”

No âmbito da disciplina de Educação Visual, os alunos realizaram composições visuais expressivas, utilizando a perspetiva baseada em obras de pintores conhecidos. Na Escola da Ponte das Três Entradas as composições foram inspiradas nas pinturas dos artistas Piet Mondrian e Keith Haring com a representação do corpo humano. Na Escola Sede, as composições foram inspiradas na pintura do artista Vincent Van Gogh, no quadro “Quarto em Arles”

Professora Marta Neto

Exposição AEOH Sem Fronteiras - Elias e Nitay- 6ºF

A arte é um canal que o ser humano utiliza para

se expressar, dar forma aos seus pensamentos e sentimentos. Ela representa a liberdade, a criatividade, a comunicação, a reflexão, a inspiração, a compreensão, e muito mais.

Nos tempos que estamos a viver, a arte tem um papel importante para o nosso equilíbrio inter e intrapessoal.

As atividades desenvolvidas no AEOH sem Fronteiras tiveram como objetivo que os alunos Elias e Nitay, do 6ºF, desenvolvessem a criatividade, técnicas de pintura e a expressividade, trabalhando os seus sentimentos e emoções, e se deixassem envolver pelo prazer e conhecimento que a arte lhes pôde proporcionar.

- 1 – Trabalho de expressão livre
- 2 – Reinterpretação da pintura - “O Grito” do artista Munch, observando e interrogando-se

sobre “o que veem, o que o assustou? O que te assusta?”. Exploração dos seus medos, transpondo para a tela, dando um toque pessoal à obra.

3- Reinterpretação da pintura – “O Rapaz” do artista Miró, observando e interrogando-se “o que veem, o que sentem? Alegria? O que te faz sentir alegre?”. Exploração do que lhes transmite alegria, transpondo para a tela, dando um toque pessoal à obra.

4- Trabalho de expressão livre, sobre a palavra “SAUDADE”, explorando aquilo de que sentem mais falta do seu país de origem, transpondo-o para a tela, dando um toque pessoal à obra.

Professora Marta Neto

Comunicação sobre a educação no Estado Novo



No âmbito do projeto comemorativo dos 50 anos do 25 de Abril da nossa escola, mas também das iniciativas do Parlamento dos Jovens, o professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do CEIS20, Augusto José Monteiro, realizou uma palestra no anfiteatro da escola secundária, no dia 10 de janeiro. O tema central da sua comunicação foi «Viver Abril na educação. Caminhos para uma escola plural e participativa». Perante um anfiteatro cheio de alunos do ensino secundário, o antigo professor de Didática da História e autor de vários livros dedicados ao 25 de Abril de-

monstrou – através de um discurso irónico, em que recorreu a diversos textos produzidos sobre o tema na época do Estado Novo – a lógica conservadora, autoritária, elitista, repressiva e doutrinadora do sistema educativo salazarista e marcelista. A comunicação gerou um debate interessante estimulado por diversas questões e reflexões apresentadas pelos alunos. Um debate onde foi possível confrontar os sistemas educativos portugueses instituídos antes e depois da revolução do 25 de Abril de 1974.

Luís Filipe Torgal

Feira da Primavera em Meruge - “Crescer com as árvores”



Os alunos da Escola de Lagares da Beira participaram mais uma vez na Feira da Primavera, em Meruge, que teve lugar no dia 17 de março. Iniciaram a manhã a visitar a mata da curva grande para rever as árvores plantadas no ano anterior e fazer a reposição de novas árvores, no âmbito da actividade “Crescer com as árvores”.

Foi oferecido um almoço/lanche convívio no novo espaço de lazer/Polidesportivo de Nogueirinha.

Durante a tarde participaram em oficinas de pintura.

Visitaram o forno comunitário onde assistiram a todo o processo de fabrico das bolas tradicionais de carne, chouriço e de bacalhau.

Foi uma tarde de convívio bem passado relembrando as tradições desta aldeia.

A Coordenação da Escola
Fernanda Gomes
Elisabete Ribeiro

A Festa da Primavera na EB Bobadela



Na EB Bobadela, as crianças do Jardim de Infância e os alunos do 1.º ciclo deram início à comemoração da Festa da Primavera “AEOH



a Florir” com a caminhada “Easter Parade”, seguindo-se outras atividades até ao final da semana: encapsulamento de sementes de gi-

rassol; projeto da pintura para o mural “Cuidar da Terra”; lançamento das “bombas” de sementes; espetáculo de encerramento da Festa da Primavera (teatro, música, conto de história alusiva aos ovos da Páscoa, caça aos ovos). Foi uma semana plena de atividades que potenciaram a articulação entre ciclos, o convívio e sensibilizaram as crianças para a necessidade de preservar o Planeta Terra.

As docentes da EB Bobadela

Gastronomia PLNM

Alemanha

Na Alemanha, a alimentação é composta por alguns ingredientes que são a base de sua gastronomia. A carne de porco, o repolho, a batata e as salsichas são predominantes nos pratos típicos, além de muito pão. Estima-se que a Alemanha possua uma variedade de pelo menos 300 tipos de pães.

José Luís Troscher

Israel

A dieta em Israel é bastante diversificada, pois é influenciada por várias tradições culinárias do Médio Oriente, Mediterrâneo, Norte da África e Europa Oriental. Inclui produtos frescos: frutas e vegetais frescos como tomates, pepinos, beringelas, pimentos, abóboras bebé e citrinos. O pão é um alimento básico na culinária de Israel, como o pão pita, que é muito popular. Há, ainda, grãos como arroz, cuscuz e trigo bulgur. As refeições, neste país, incluem uma variedade de saladas e mezze (pequenos pratos) feitos com ingredientes como tahine (pasta de gergelim), húmus (grão-de-bico cozido e espremido, tahine, azeite, sumo de limão, sal e alho); falafel (bolinhos fritos de grão-de-bico ou fava moída, normalmente misturados com condimentos como alho, cebolinha, salsa, coentros e cominhos); tabule (bulgur com tomate, cebola, salsa, hortelã e outras ervas, com suco de limão, pimenta e vários temperos), babaganuche (purê de beringela assada ou grelhada) e legumes em conserva. Israel possui uma grande indústria de laticínios e os produtos lácteos mais comuns são o iogurte, o queijo e o labneh (iogurte filtrado ou sem soro).

Malachai Zussman, 8º F

Ucrânia

Na culinária ucraniana, os ingredientes que se destacam são: o repolho, a couve, a beterraba, o pepino, a batata, as raízes fortes: Hrin e Gengibre, os cereais como o trigo, sarraceno e mourisco e o milho.

Aqui ficam duas receitas: Deruny e os famosos Dumplings.

Deruny

Os deruny, também conhecidos como draniki, são um prato tradicional ucraniano que consiste em panquecas de batata ralada, que podem

ser servidos com vários recheios ou molhos, mas o mais comum é serem comidos com creme azedo. Os deruny são apreciados por a sua crosta crocante por fora e textura macia por dentro.

Aqui está a receita básica dos deruny:

Ingredientes:

- 1 kg de batatas
- 1 cebola grande
- 1 ovo
- Sal, pimenta preta a gosto
- Farinha (conforme necessário para consistência)
- Óleo vegetal para fritar

Preparação:

- 1-Descasque as batatas e rale-as. Descasque a cebola ou corte-a em pedaços pequenos.
- 2-Esprema o excesso de líquido das batatas.
- 3-Adicione o ovo, a cebola picada, sal, pimenta e farinha às batatas para engrossar.
- 4-Aqueça o óleo numa frigideira. Coloque a massa com uma colher e frite de ambos os lados até dourar.
- 5-Sirva quente com creme azedo ou com o seu molho favorito.

Mikailo Honcharenko, 9º F



Dumplings (Bolinhos)

Para o recheio:

- carne picada (frango + porco) – 700 g
- 1 cebola
- 2 dentes de alho
- verduras de endro ou funcho
- pimenta preta moída a gosto
- sal a gosto

Para a massa (copo - 250 ml):

- Farinha – 3 chávenas
- 1 ovo
- 3 colheres de sopa de óleo vegetal
- meia colher de chá de sal
- 1 copo de água a ferver

Bata o ovo com o sal, acrescente o óleo vegetal e as chávenas de farinha, misture.

Em seguida, despeje um copo de água a ferver e misture rapidamente à massa com uma colher.

Depois coloque a massa numa mesa e trabalhe a massa com as mãos durante 5 minutos (pode adicionar farinha se necessário).

A massa fica macia, elástica e não cola às mãos.

Coloque a massa num um saco e deixe descansar 30 minutos.

Entretanto, tempere a carne picada com pimenta, sal e coloque no copo misturador as ervas picadas, a cebola e o alho picados. Misture bem e leve à geladeira meia hora.

Corte uma pequena parte da massa: enrole-a num rolo comprido e corte-a em pedaços. Estique os pedaços de massa em círculo com os dedos e enrole a carne picada temperada, dentro dos discos e feche-os como um pastel. Coza os bolinhos em água a ferver durante 20 min. Acompanhe com natas azedas.

Vladyslav Honcharenko, 7º A



“INSTRUMENTOS DE TORTURA” - EXPOSIÇÃO



No âmbito das atividades propostas pela área disciplinar de História, esteve patente na Escola Básica da Ponte das Três Entradas uma exposição subordinada ao tema “Instrumentos de Tortura”. Através de um conjunto de cartazes, ilustrados com imagens e textos explicativos,

foram dadas a conhecer várias “ferramentas” de tortura (ex: guilhotina, pera da angústia, cadeira da bruxa, berlinda, donzela de ferro, roda da tortura, ...), usadas para mostrar poder, obter informações através de métodos cruéis, castigar, matar ou impor medo às pessoas.

A violência e a utilização de métodos e instrumentos de tortura foram uma constante ao longo da história da Humanidade. Estes instrumentos tinham por objetivo causar sofrimento, exaustão e morte a todas as pessoas “que não se enquadravam na sociedade – hereges, criminosos, homossexuais, revolucionários, bruxas, ...”, que tivessem cometido crimes ou fossem consideradas perigosas pelas autoridades políticas, judiciais ou religiosas. Aceite desde a Antiguidade e praticada a título individual ou em grupo, para dar exemplo à sociedade, somente a partir do século XVIII a tortura começa a ser contestada e/ou proibida, resultado do gradual triunfo dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade defendidos pelo movimento iluminista.

Grupo Disciplinar de História / Luís Martins

Mural “O Mundo é a nossa casa”



Nos dias 20, 21 e 22 de março vivenciámos o AEOH Florir. Para florir é necessário dedicar tempo, contemplar a natureza, amar e agir para



cuidar da nossa casa que é o nosso mundo. As crianças do Jardim de Infância do Largo da Feira viveram momentos de muito respeito pela

natureza, efetuaram aprendizagens para a vida toda.

É urgente mudarmos atitudes em relação à nossa intervenção no meio ambiente.

Assim, toda a equipa do Jardim de Infância, as crianças e os pais se envolveram na elaboração de um mural. Este regista a colaboração na limpeza do Parque do Mandanelho, a reutilização de materiais e a importância da reciclagem para reverter o que é lixo em materiais utilizáveis.

Pretendemos, com alegria e responsabilidade, cuidar do mundo que é a nossa casa...

Dulce Costa – Educadora de Infância

O Jardim de Infância de Travanca brinca na rua...



Nós, os meninos e meninas de Travanca gostamos do sol, do vento, da chuva miudinha, do cheiro a terra, dos bichinhos, de trepar, de correr. Gostamos de ser piratas, princesas, marinheiros, cozinheiros, mães e papás. Gostamos de trepar, escalar, subir, descer e escorregar. Gostamos dos amigos, pequenos e grandes. Gostamos de cantar, de ouvir música, de ler e ouvir histórias. De escrever na terra, de brincar à matemática, de dançar... Gostamos tanto de ser crianças!

Crianças/Educadora JI Travanca de Lagos

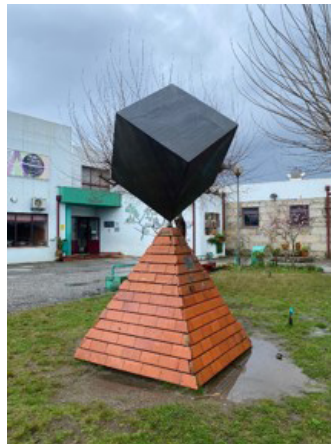
SALA ABERTA COM JOGOS MATEMÁTICOS



No âmbito da Festa da Primavera AEOH A FLORIR, o Clube de Jogos e Computação dinamizou uma sala aberta onde os alunos da Escola Básica da Cordinha, além de terem oportunidade de conviver e partilhar experiências, experimentaram diferentes jogos matemáticos e aprenderam de uma forma divertida conceitos matemáticos, estimulando o seu raciocínio lógico e o seu pensamento crítico.

Os docentes Ana Paula Pestana e António Martins

CAÇA AOS ITENS MATEMATICAMENTE INTERESSANTES



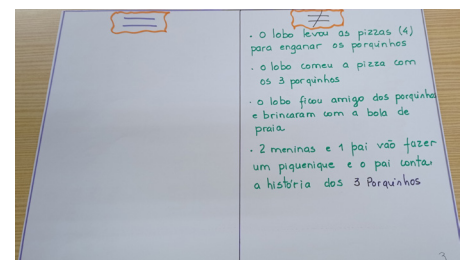
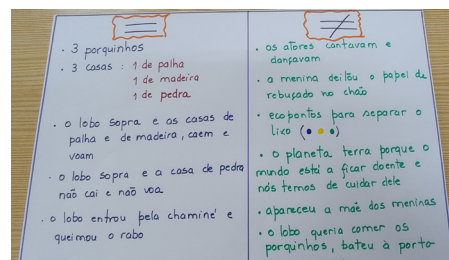
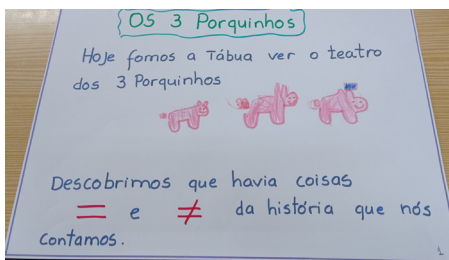
No âmbito da Comemoração do Dia Internacional da Matemática (DIM) e do Pi, os alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Básica da Cordinha realizaram uma caça aos itens,

matematicamente interessantes. Esta caça procurou desenvolver nos alunos o processo de descoberta, o pensamento criativo e a observação, de uma perspetiva diferente, que são

fundamentais em Matemática, tendo como único local de pesquisa o recinto da Escola.

O docente António Martins

Um Espetáculo Musical



No dia 13 de março, as crianças do Jardim de Infância e os alunos do 1.º ciclo da EB Bobadela foram ao Centro Cultural de Tábua para assistir

ao espetáculo musical "Os 3 Porquinhos". Desse espetáculo ficou registado os aspetos iguais e diferentes à história original que tanto

agrada às crianças desta faixa etária.

Crianças/Educadora JI Bobadela

Dias Especiais...



Os JI de Alvôco e Penalva de Alva promoveram uma ação de sensibilização dirigida a toda a

comunidade escolar, no âmbito da comemoração do Dia da Água. Esta foi dinamizada

pela Escola Segura da Lousã, que sensibilizou adultos e crianças para os cuidados a ter com o recurso fundamental do nosso planeta, que é a água!

Também no dia do Pai, todos nos deslocámos à Biblioteca Municipal onde ouvimos a história "o Abraço", que nos ensinou que este é muito importante e que não estamos sós! Quando vires alguém triste dá-lhe um abraço!

Educadoras Paula Martins e Ana Brito

O SÉTIMO DIA DO SÉTIMO MÊS

No sétimo dia do sétimo mês, ela nasceu,
Um ser de luz, em julho, floresceu.
Seu sorriso, um sol a iluminar,
Sete de julho, data a celebrar.

Nas curvas do tempo, seu encanto persiste,
Ela é a essência que o coração insiste.
Seu riso, sete de julho, a melodia,
Uma sinfonia que embala o meu dia.

Com olhos que contam histórias sem palavras,
Em seu ser, a poesia se encontra entrelaçada.
Ela é a melodia que encanta a vida,
Sete de julho, a musa querida.

No aniversário dela, celebro a magia,
Sete de julho, a data que contagia.
Ela, um poema que o tempo eterniza,
A musa do meu mundo, que a vida eternize.

Teatro de Fantoches: “Robertices” de Luísa Dacosta



No dia vinte e dois de março, no âmbito das comemorações da Festa da Primavera AEOH a Florir 2024, a turma do 3.ºano do Centro Escolar de Nogueira, em articulação com as atividades de Enriquecimento Curricular, apresentaram um teatro baseado na obra de Luísa Dacosta “Robertices”. É uma das obras recomendadas para o 3.ºano de escolaridade que pretende recordar a tradição popular dos espe-

táculos de rua.

Utilizou-se material reciclado, na elaboração dos fantoches (pacotes de leite), sensibilizando as crianças para proteção ambiental. Também foi utilizada, nos diálogos da peça, a Língua Gestual.

As crianças do 3.ºano do Centro Escolar de Nogueira estão a aprender Língua Gestual nas atividades de Enriquecimento Curricular. Como

a monitora que orienta estas atividades está a tirar o curso de Língua Gestual, em articulação com a professora titular da turma, decidiu-se que seria uma mais-valia a aprendizagem de alguns conteúdos desta língua, preparando esta geração para a aceitação da diferença e para a inclusão.

NC-C- Isabel Fonseca

Jardim de infância de Oliveira do Hospital Atividade de Programação / Robótica



A convite da professora Sílvia, o grupo de crianças de cinco anos do jardim de infância de Oliveira do Hospital participou numa atividade de programação/robótica.

Esta, para além de estimular o relacionamento com as tecnologias, desenvolve o raciocínio lógico, estimula a criatividade e incentiva o trabalho de equipa.

Nesta atividade, um pequeno ratinho teria de encontrar o caminho que o levaria ao queijo. Assim, as crianças, mentalmente, tiveram de visualizar o caminho a percorrer e dar as indicações certas ao rato (programar) para que a tarefa tivesse êxito.

As crianças adoraram a experiência e estão ansiosas por lhe dar continuidade no terceiro período.

Educadora Helena Ascensão

St. Patrick's Day



Os alunos do 3º ciclo da escola sede do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital comemoraram o dia de S. Patrício (santo patrono da Irlanda), na disciplina de Inglês, realizando trabalhos alusivos ao tema, que foram expostos nos diferentes pavilhões da Escola. A atividade teve lugar entre os dias quinze e dezanove do mês de março, e contribui para um melhor conhecimento e divulgação da cultura Britânica.

Visita à ETAR de Oliveira



Os alunos ficaram muito satisfeitos e contentes por verem ao vivo o que tinham estudado.

Diana Figueiredo

Foi muito interessante ver ao vivo todo o processo, para perceber como funciona cada etapa.

Guilherme Oliveira

Foi cansativo, mas muito giro!

Francisca Neves

Gostei muito da visita à ETAR.

Simão Mendes

Gostei muito da visita pois fiquei a aprender mais sobre o que se faz na ETAR.

Tomás Almeida

No dia 24 de janeiro, todas as turmas do 5º ano do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital foram visitar a ETAR.

A nossa turma (5ªA) fez a caminhada até à ETAR, em conjunto com a turma do 5ºB e as professoras Isabel Rosa, Helena Costa e Ivone Gomes.

Já no local, uma representante da EPAL fez-nos uma visita guiada às instalações. Percebemos o quanto são importantes os processos de tratamento da água, que vai das nossas casas até lá e que depois vai ser devolvida ao rio. Ficámos a entender que não podemos deitar determinados produtos para a rede de esgotos

(sanita), tais como: cotonetes, óleo dos fritos, pensos, lentes de contacto entre outros.

No final da visita, recebemos um panfleto, um lápis e um livrinho com passatempos. Depois, fizemos outra caminhada e regressámos à escola.

Alunos da turma do 5ª A

Visita de Estudo a Lisboa



No dia 19 de janeiro de 2024, decorreu uma visita de estudo a Lisboa, na qual participaram todos os alunos de 9º ano do nosso Agrupamento, no âmbito da disciplina de Português, em articulação com as disciplinas de História e Cidadania e Desenvolvimento.

Os alunos assistiram à representação da peça de teatro *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, levada a cena pela companhia Ar de Filmes / Teatro de Rua, no Castelo de São Jorge. Visitaram também o Museu da Guarda Nacional Republicana (GNR), lugar de grande relevo para a conquista da liberdade em Portugal. Na parte da manhã, a visita focou-se na disci-



plina de História, com visita ao Museu da Guarda Nacional Republicana (GNR), localizado no Largo do Carmo, como forma de assinalar os 50 anos do 25 de abril de 1974. Foi no Quartel do Carmo que a ditadura do Estado Novo caiu e se assistiu ao triunfo da liberdade e da democracia. No museu os alunos puderam visualizar vários objetos e cartazes com informação sobre a evolução das forças militares em Portugal, desde a Idade Média até à atualidade, e fotos alusivas ao dia da "Revolução dos Cravos". A parte da tarde foi dedicada à disciplina de Português, com o percurso a pé até ao Castelo de S. Jorge, para apreciar as belas vistas sobre

a cidade das sete colinas e o jardim circundante do castelo, onde decorreu o almoço. Após uma breve explicação sobre a edificação deste monumento, os alunos assistiram à representação da peça *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, conteúdo lecionado no 9º ano de escolaridade. "Entrámos um pouco expectantes, mas não saímos defraudados, antes pelo contrário. Um leque muito bom de atores, com uma atuação muito realista e um bom enquadramento sonoro." foi um dos comentários ouvidos no final da peça. Através da sátira, Gil Vicente faz uma crítica a vários grupos sociais e profissionais da sociedade quinhentista, não poupando ricos, pobres, nobres ou o clero.

Após o término do teatro, os alunos atravessaram várias ruas da Baixa Pombalina e tiraram a "tradicional" foto de grupo no Terreiro do Paço. Em suma, foi uma visita de estudo muito agradável, proveitosa e enriquecedora! De salientar ainda o bom ambiente vivido ao longo de todo o dia, para o qual contribuíram todos os intervenientes com a sua boa disposição, pautada pela afeição de descobrir, conhecer e saber...

(Turma 9.J / Escola Básica da Ponte das Três Entradas)

VISITA DE ESTUDO DO 9º ANO A LISBOA



No dia 14 de fevereiro tivemos a sorte de ir, mais uma vez, à capital do nosso maravilhoso país! Apesar de Lisboa não ser um lugar novo para ninguém, visitas de estudo são sempre divertidas e é claro que havia uma certa ansiedade no ar (como em qualquer visita de estudo). As principais atividades previstas, no âmbito das disciplinas de Português, História e Cidadania e Desenvolvimento eram: passagem pela Assembleia da República, visita ao Museu do Carmo e a visualização da peça de teatro *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, no Castelo de São Jorge.

A viagem foi, como sempre, animada e não poderiam faltar músicas e jogos no autocarro. A animação era fácil de perceber ao chegarmos a Lisboa. Durante a viagem de autocarro, passámos por alguns lugares importantes: o Campo Grande, algumas Faculdades da Universidade de Lisboa, a Biblioteca Nacional, onde se encontram todos os livros já publicados em Portugal, a Praça Marquês de Pombal, a Sede do Partido Socialista, no Largo do Rato, a Assembleia da República e a Avenida da Liberdade. A partir da Praça dos Restauradores seguimos, a pé, para o Museu do Carmo.

No museu, foi possível ver a história e evolução dos serviços militares portugueses e do próprio museu, que foi fundado por D. Nuno Álvares Pereira aquando da vitória na Batalha de Aljubarrota, em 1385. Este museu foi também utilizado por Marcelo Caetano, que ali se abrigou no dia 25 de abril de 1974 (vimos o sofá que usou para descansar e alguns livros que foram atingidos por balas).

Partimos, então, em direção ao Terreiro do Paço e depois rumo ao Castelo de São Jorge. Parámos, pelo caminho, para almoçar, no Miradouro de Santa Luzia, com uma vista incrível para o rio Tejo. Chegados ao castelo, um guia explicou-nos um pouco da história do castelo

e assistimos, então, à peça de teatro, que foi muito divertida e apreciada por todos. Tivemos depois alguns minutos para explorar o castelo e apreciar a vista (e os imensos pavões por toda a parte, nomeadamente nas copas das árvores).

Voltámos então para a Praça dos Restauradores, terminando, assim, a nossa viagem. Embora não tenha sido possível a visita ao Plenário da Assembleia da República, devido à dissolução do Parlamento, creio que esta visita foi apreciada por todos.

Elvira Silva, 9º H



Viagens à Ilha de S. Miguel (Açores)



Há um intenso orgulho
Na palavra Açor
E em redor das ilhas
O mar é maior
Como num convés
Respiro amplidão
No ar brilha a luz
Da navegação
Mas este convés
É de terra escura
É de lés a lés
Prado agricultura
É terra lavrada
Por navegadores
E os que no mar pescam
São agricultores
(estrofes retiradas do poema «Açores», de Sophia de Mello Breyner Andresen)

Ler estes versos escritos por Sophia transporta-nos para a beleza bucólica e paisagística da Ilha de S. Miguel, que os alunos do 11º ano visitaram, entre os dias 2 e 5 de Março, no âmbito das disciplinas de EMRC e Biologia e Geologia, cujas organizadoras foram as professoras Olinda Duarte e Cristina Félix, respetivamente. Foram 4 dias inesquecíveis para aqueles que não conheciam a ilha, por isso ficou bem enraizado na sua vontade o desejo de, um dia, regressar.

Passado um mês, que imagens passam pela retina da nossa memória? No meu álbum de fotografias, vislumbro o Jardim de Antero de Quental, onde o poeta se suicidou em 1891; as Portas da Cidade, ex-libris de Ponta Delgada; a deslumbrantemente barroca talha dourada da Igreja de Santo Cristo; o Museu Carlos Machado, onde é possível percorrer o riquíssimo circuito de História Natural.



No segundo dia, calcorreámos a Ilha de S. Miguel, apreciando a sua beleza natural, os seus cheiros mais intensos e os seus sabores (no paladar, ficou o sabor incomum mas agradável e tenro do “Cozido das Furnas”, cozinhado na Lagoa das Furnas), e mergulhando nas águas cálidas e termais do Parque Terra Nostra, uma atmosfera maravilhosa de exotismo e misticismo em perfeita harmonia com a natureza. Deambulando pelas lagoas e furnas, ficaram na retina os nomes “Caldeira do Asmodeu” (Asmodeu: rei do inferno, na mitologia judaica) e “Pero Botelho” (homem açoriano de muito mau feitio), que me fizeram reviver memórias da minha infância quando os pais, para assustar as crianças de forma a elas não se aproximarem de locais perigosos, invocavam a Maria da Manta, mulher malévola e medonha. Na Gorreana, local de plantação de chá, à hora cinzenta e fria do lanche, soube bem um chá quente e gostoso, acompanhado de petiscos regionais. A viagem pela ilha continuou no terceiro dia. Podemos, então, comprovar os versos de Sophia “É de lés a lés/Prado agricultura”, com os seus campos parcelados e verdejantes, onde pastavam as “vacas felizes”. Outro local fascinante visitado foi a Caldeira Velha, onde tivemos a percepção de estar a entrar num mundo jurássico e de reviver imagens do filme de Steven Spielberg. Depois, eis a Lagoa das Sete Cidades. A lagoa é só uma, mas, por ter duas cores diferentes, deram-lhe o nome de Lagoa Verde e Lagoa Azul. As duas lagoas juntam-se e formam uma das paisagens mais incríveis da ilha. Neste local, sobressai a longa alameda ladeada de árvores de grande porte, tendo como cenário de fundo a Igreja de S. Nicolau, o que permite o registo de imagens fotográficas de sublime beleza. “Uma tela sublime”, como

diria Eça de Queirós. A hora do lanche coincidiu com a visita às estufas de ananás. Como podem imaginar, o festim teve como ingrediente principal o ananás em todas as suas iguarias e bebidas. Divinal!

No último dia, antes do regresso à metrópole, foi a vez de nos entranharmos nas profundezas da Ilha de S. Miguel, percorrendo a Gruta do Carvão, onde, além de uma aula de geologia vulcânica, podemos observar silhuetas e sombras de esquilos, dinossauros e outros seres.

A Ilha de S. Miguel é um miradouro permanente voltado para toda a beleza natural que encanta o olhar. Destaco:

- o Miradouro de Santa Iria, onde se avista uma paisagem verdejante rodeada pelo azul Oceano Atlântico; nas suas encostas, travou-se a Batalha da Ladeira da Velha, em agosto de 1831, em que D. Pedro IV derrotou o seu irmão D. Miguel;

- o Miradouro da Lagoa do Fogo, com vista deslumbrante para a Lagoa do Fogo se as condições climáticas o permitirem, como foi o nosso caso;

- o Miradouro Visita do Rei: este miradouro é assim denominado pelo facto de, no verão de 1901, o Rei D. Carlos I e a Rainha D. Amélia o terem visitado. Oferece uma vista inolvidável sobre a cratera da Sete Cidades, tendo a Lagoa das Sete Cidades como pano de fundo. É um dos mais conhecidos bilhetes postais dos Açores.

Para concluir esta viagem pela ilha açoriana, resta-me falar da natureza humana, ou seja, os seus participantes: os(as) professores(as) e os alunos. Estão todos de parabéns! Magnífico exemplo de companheirismo e de salutar convívio!

Termino esta digressão com as palavras iniciais do romance «Mau Tempo no Canal», escrito por Vítorino Nemésio, que nos apresenta uma visão geral da sociedade açoriana:

“- Mas não voltas tão cedo...”

João Garcia garantiu que sim, que voltava. Os olhos de Margarida tinham um lume evasivo, de esperança que serve a sua hora. Eram fundos e azuis, debaixo de arcadas fortes. Baixou-os um instante e tornou:

- Quem sabe...?”

Basílio Torres, professor do AEOH

Visita de Estudo a Sintra, “Roteiros Queirosianos”



No dia 31 de janeiro de 2024, as turmas do 11º Ano do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital tiveram o privilégio de visitar a magnífica Vila de Sintra, no âmbito do estudo da Unidade de Aprendizagem 4, Eça de Queirós, Os Maias, da disciplina de Português. Com esta Visita de Estudo pretendiam os Professores de Português, seguindo o Guião do Projeto da Professora Isaura Maria de Oliveira, numa esfera abrangente dos “Roteiros Queirosianos”, conhecer o Centro Histórico da Vila de Sintra e Seteais, espaço sociogeográfico bem referenciado no Romance Queirosiano, Os Maias, para melhor interpretar, in loco, o seu subtema Episódios da Vida Romântica, assim como a paisagem rústica e marítima que caracteriza o seu Concelho integrado na Região Saloia e cujo encanto inspirou Eça de Queirós e os seus contemporâneos, artífices da escrita literária Realista, do final do Século XIX.

Desta forma, concretizavam-se vários objetivos gerais, devidamente planeados, como proporcionar, em contexto extraescolar, vivências sociogeográficas, culturais e literárias estimulantes ao tratamento polissémico da Narrativa Realista Queirosiana, Os Maias, despertar e incentivar nos alunos, o gosto pela leitura, pela reflexão crítica e pela análise literária através de experiências intelectuais fora do contexto escolar e promover a interação e o espírito socializante entre alunos/professores.

A expectativa era grande e não foi defraudada pois a entrada em Sintra a todos proporcionou, desde logo, o contacto deslumbrante com um ambiente bucólico variado: muros cobertos de heras e musgo, ruas muito estreitas e íngremes, lotadas de turistas cujo vaivém deixava perceber o interesse de passear naquela histórica Vila Romântica. Emprestava ao ambiente matinal, um frenético chilrear dos pássaros misturado com o leve barulho das águas correntes em cascatas serranas. Esta tela digna de ser apreciada por gente de bom gosto, logo fez sentir aos visitantes, uma paz interior tão profunda capaz de fortalecer, de imediato, a ligação com aquela vila tão histórica e tão especial.

Para iniciar os “Roteiros Queirosianos” no inte-



rior e exterior da Vila, esperavam professores e alunos no Palácio Valenças, os Guias Turísticos da Autarquia que, de forma muito organizada, depressa reuniram vários grupos das presentes turmas que habilmente acompanharam. Assim, a primeira abordagem ao enredo de Os Maias aconteceu no interior de uma sala arquitetonicamente interessante nos baixos do Palácio Valenças, pela voz do Dr. João Rocha ao 11º E acompanhado da sua Docente de Português, despertando-nos uma conexão profunda com a narrativa Queirosiana ao permitir a compreensão das suas reflexões sobre o comportamento da alta aristocracia lisboeta portuguesa.

Em seguida, já no exterior, passámos pelo Palácio Nacional de Sintra e pelo Hotel Nunes, que recentemente foi demolido para a construção de uma nova unidade hoteleira. No adro do Hotel Nunes, ouvimos uma breve explicação sobre o contexto deste Hotel na obra de Eça de Queirós. Deste local conseguimos, também, observar o Hotel Victor. Continuando o percurso pelo Centro Interativo de Sintra, foi possível alcançar um dos mais emblemáticos hotéis da Vila e um dos espaços da ação romanesca em Os Maias: o Lawrence’s Hotel, edificado em 1780 e o mais antigo da Península Ibérica. Animados com as vistas que a sumptuosa natureza embevecia e os conhecimentos adquiridos em cada passada percorrida, o grupo subiu alguns metros pelas ruas sinuosas e pelos verdejantes recantos da Vila Romântica inspiradora de Eça, até à Cascata de Pisões e, no seguimento, avistou a esplêndida Quinta da Regaleira, incorporada naquela arquitetura romântica, gótica e renascentista da Vila Saloia onde, no seu interior, era possível descobrir belos palacetes que reclamavam, também eles, uma visita de estudo muito contextual.

Antes de conhecermos o magnífico Palácio de Seteais, o Dr. João Rocha ainda nos surpreendeu com o interior do Museu Ferreira de Castro, para ali continuar a dissecar os principais Episódios da Vida Romântica, em Os Maias, segundo uma visão de crítica social muito ao gosto de Eça. Então, posteriormente, conhecemos o Palácio neoclássico de Seteais, composto por um destacado arco, permitindo observar um dos mais belos quadros de Sintra: em frente, as carismáticas planícies da zona costeira; atrás, lá no alto, a serra verdejante coroada pelo Palácio da Pena e pelo Castelo dos Mouros. De cortar a respiração!

E como o primeiro Roteiro Queirosiano chegara ao fim, era a hora necessária para uma curta pausa de almoço em confraternização

entre professores e alunos que, entretanto, se juntaram no adro da Igreja Matriz, no Centro Histórico da Vila, privilegiados com uma vista verdejante, única e memorável onde não faltavam sonoros chilreios da passerada. Assim se deu por encerrado o “Percurso Queirosiano” da manhã, enaltecido pelo acompanhamento de um guia, incrivelmente culto, exímio conhecedor das temáticas essenciais do Romance intrincado Queirosiano, dos episódios marcantes de uma sociedade habituada aos prazeres da vida romântica oitocentista, fomentando o alargar dos nossos horizontes quanto à História, Língua e Literatura, Cultura Realistas Portuguesas.

No percurso da tarde, objetivando o “Roteiro Queirosiano” no exterior do Concelho de Sintra, o autocarro seguiu pela turística estrada da Vila de Colares, famosa pelos seus vinhedos de onde é extraído o delicioso vinho típico de Colares, sempre rodeados pela encantadora Serra de Sintra e avistando o extenso e frondoso Pinhal da Nazaré. Seguimos até à Praia das Maças rumo à belíssima Praia “Azenhas do Mar”. Aqui chegados, todos desceram as íngremes escadas para alcançar as suas areias douradas banhadas por águas cristalinas. Apesar de um janeiro invernos, o ambiente marinho era tranquilizante aquecido por um Sol generoso. Cedo se percebeu que esta visita às praias em redor de Sintra foi importante para contextualizar as narrativas de Eça de Queirós, em particular, Os Maias, porque explorámos as suas vivências numa região romântica, as paisagens que o inspiraram, para assim, podermos compreender melhor o campus literário, a cultura e a sociedade da época, em fins do Século XIX. Não nos despedimos da região saloia sem visitarmos a Igreja Histórica de S. Mamede de Janas onde escutamos pela Docente Isaura Maria de Oliveira, uma breve explicação da tradição secular e única em Portugal, a benção do gado caprino e bovino no interior da Capela circular que ocorre entre 15 e 17 de agosto, em pleno verão e que acolhe inúmeros forasteiros àquela festividade popular. Tratou-se de mais um interessante apontamento etnográfico, cultural, enquanto contributo enriquecedor da visão histórica de um País que não esquece as suas tradições.

Em conclusão, esta Visita de Estudo não só irá complementar os estudos em sala de aula, mas também estimular uma apreciação mais vívida, contextualizada, enriquecedora, multidimensional e potenciadora para compreender o Romance Realista de Eça de Queirós, Os Maias, aprofundada na sua leitura integral e análise literária. Acima de tudo, sentimo-nos lisonjeados por ter tido a oportunidade de conhecer melhor o romancista de oitocentos, Eça de Queirós, e termos colhido uma visão mais íntima e mais alargada da vida do mesmo e dos ambientes que moldaram as narrativas do escritor, em particular, “Os Maias”

Manuel Carvalho da Silva no AEOH



No âmbito do projeto evocativo dos 50 anos do 25 de Abril no AEOH, Manuel Carvalho da Silva apresentou, no dia 20 de fevereiro, no anfiteatro da escola secundária, a comunicação «25 de Abril: grandes transformações na sociedade portuguesa». Carvalho da Silva é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, foi coordenador da CGTP – Inter-sindical nacional, desde 1986, e secretário-ge-



ral da maior central sindical do país, entre 1999 e 2012. Explicou como Portugal evoluiu de um país atrasado para um Estado social de direito democrático. Referiu que estamos a iniciar mais 50 anos de democracia e serão os jovens de hoje os construtores desse percurso. Enumerou as grandes questões do nosso tempo que condicionam o emprego e o trabalho: clima e ambiente, digital, robotização e inteligência

artificial, demografia, desigualdades, políticas públicas, sistemas económicos em reformulação e maior esperança de vida. Refletiu sobre os desafios da escola face a estas questões. A este propósito disse: «a escola deve conhecer e interpretar a sociedade em que vivemos, abrir horizontes e oferecer aos jovens instrumentos para construir o futuro. Pensar e estudar é um trabalho que consome tempo, mas vale a pena». Na sua perspetiva, o propósito final da escola será, em última análise, contribuir para construir um mundo em que todas as culturas e civilizações possam viver em paz, liberdade e fraternidade.

Os participantes desta comunicação foram alunos do ensino secundário e professores que, no final, confrontaram Carvalho da Silva com diversas questões relativas ao tema da comunicação.

Luís Filipe Torgal

Dia Internacional da Mulher – AEOH Expressivo

A Mulher

A paciência de uma mulher
É como os números,
Intermináveis, infinitos
Até ao dia em que ela morre.

A mulher é bela,
Bela como o Sol

E nos dias de Primavera.
Quando uma mulher se chateia
É como os raios numa trovoada
Saem aleatoriamente
E a trovoada nunca acaba.

A tristeza de uma mulher
É como um dia de Inverno,
Nunca mais acaba,
E é horrível como o Inferno.

Bernardo Gandarez, 7º E



Ficha técnica

AEOH
Agrupamento
de Escolas
Oliveira do Hospital

Mega 5 Jornal do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital

Ano 9 - N. 27 - abril de 2024

Responsabilidade Editorial: Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital

E-mail jornal.mega5@aeoh.pt

Equipa: Isabel Dinis (coordenadora); Dulce Costa, Luísa Costa, Rosa Molefas.

Colaboradores: Daniela Guímaro (12ºB), Mafalda Correia (12ºC) e Matilde Santos (12ºB)

Paginação/Impressão: CopiArte - Irmãos Seixas, Lda
copiarte.lida@gmail.com | Tlf.: 238 60 44 88